

***"Deus e Frelimo Louvarei para
Sempre":***

Uma análise das bases de apoio partidário
em Manjacaze

Egídio Chaimite

Cadernos IESE N.º 25

“Cadernos IESE”

Edição do Conselho Científico do IESE

A Coleção “Cadernos IESE” publica artigos de investigadores permanentes e associados do IESE no quadro geral dos projetos de investigação do Instituto.

Esta colecção substitui as anteriores Colecções de Working Papers e Discussion Papers do IESE, que foram descontinuadas a partir de 2010.

As opiniões expressas através dos artigos publicados nesta Coleção são da responsabilidade dos seus autores e não reflectem nenhuma posição formal e institucional do IESE sobre os temas tratados.

Os Cadernos IESE podem ser descarregados gratuitamente em versão electrónica a partir do endereço www.iese.ac.mz.

"Deus e Frelimo Louvarei para Sempre":

Uma análise das bases de apoio partidário
em Manjacaze

Egídio Chaimite

Cadernos IESE nr. 25/2023

Egídio Chaimite é Doutor em Estudos de Desenvolvimento pelo Instituto de Estudos de Desenvolvimento (IDS) da Universidade de Sussex, na Inglaterra, e mestrado em Ciência Política pela Sciences Po Bordeaux, em França. É pesquisador do IESE. Suas áreas de pesquisa são: governação, eleições e movimentos sociais.

Outubro, 2023

Agradecimentos

O autor agradece ao Prof. Doutor Eduardo Siteo pelas sugestões e recomendações durante a redação do capítulo que deu origem a este *Cadernos*. Os agradecimentos são extensivos ao Prof. Doutor Egídio Guambe, que comentou o *Cadernos*. Agradecimentos especiais para os diferentes interlocutores de Manjacaze, incluindo dirigentes que, apesar de se exporem a riscos, se dispuseram a partilhar as suas experiências, histórias e diverso material relevante para a pesquisa.

Title: **"Deus e Frelimo Louvarei para Sempre": Uma análise das bases de apoio partidário em Manjacaze**

Autor: Egídio Chaimite

Copyright © IESE, 2023

Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

Rua Macossa Maconde. Nº 142. Bairro da Sommerschield

Maputo, Moçambique

Telefone: + 258 21 486 043

Email: iese@iese.ac.mz

Website: www.iese.ac.mz

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para fins comerciais.

Execução Gráfica: IESE

Tiragem: 300 Exemplares

ISBN: 978-989-8464-66-8

Número de Registo: 11389/RL/INICC/2023

Casa da família Mondlane, em Cambane, de onde se extraíu o título deste *Cadernos*



Fonte: Autor

Mapa da Província de Gaza mostrando a localização de Manjacaze



Fonte: INE (2013)

Introdução

Extraí parte do título deste Cadernos, “Louvarei a Deus e a Frelimo para Sempre,” de uma frase escrita na parte frontal da casa de um casal de antigos combatentes da luta de libertação nacional, que vive na aldeia de Cambane, a cerca de 25 quilómetros da sede do distrito de Manjacaze (Figura na capa). Partindo dos relatos deste casal, e de muitos outros interlocutores no distrito, entre os quais jovens, adultos e idosos de ambos os sexos, além de líderes locais, reflito sobre as bases do apoio partidário em Manjacaze¹. Analiso o apoio partidário, tanto por identificação como pelo que designo ‘defeito’. Este último aplica-se a situação em que o apoio não é necessariamente resultado de uma ligação duradoura, ou seja, “um vínculo efectivo ou um sentimento de lealdade” (Green and Baltes, 2017) para com um partido político, tal como se define a identificação partidária (Downs, 1957; Campbell *et al.*, 1960; Key, 1967; Fiorina, 1981; Miller and Shanks, 1996). Trata-se do contrário: pelo distanciamento, ou seja, por oposição a um determinado partido, um indivíduo ou grupo canaliza o seu apoio para o adversário, portanto, por defeito. Na literatura, a situação de ‘defeito’ que aqui evoco é considerada parte da identificação partidária, construída na infância, na socialização, onde se aprendem e transmitem normas e práticas, que servem de referência e influem na forma como as pessoas percebem e se posicionam com relação às instituições políticas em determinados contextos (Sapiro, 2004; McIntosh and Youniss, 2010). Tal como Denver refere, durante a socialização, os indivíduos aprendem quem são os “bons e os maus” (Ibid., 1994, p.31) no seu contexto, o que é fundamental para a sua orientação política. Eu defendo que, embora a Frelimo goze de ambos os tipos de apoio, i.e., apoio por identificação e apoio por ‘defeito,’ ambos enraizados na socialização primária dos mais jovens, importa distinguir um do outro, ampliando, assim, a compreensão das dinâmicas de apoio partidário em Manjacaze, em particular, e na literatura sobre partidos e comportamento eleitoral, de uma forma geral.

Na primeira secção, respondo à questão sobre “porquê Manjacaze?”. Na segunda abordo as fontes de identificação partidária e, de seguida, na terceira, analiso o apoio por defeito. Em ambos os casos, destaco a importância do legado das guerras, incluindo no processo de socialização, que abordo mais detalhadamente na quarta secção. Por fim, na quinta secção,

¹ Fiz o trabalho de campo em Manjacaze, entre Maio de 2018 e Novembro de 2019, como parte da pesquisa para a minha tese de Doutoramento em Estudos de Desenvolvimento no Instituto de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Sussex, na Inglaterra. Para o efeito, durante dezasseis meses, estive em Manjacaze, onde fiz observação, por vezes participante, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com 104 cidadãos de Manjacaze, incluindo eleitores, funcionários e agentes do Estado, lideranças partidárias e do Estado. O distrito de Manjacaze situa-se na parte sul da Província de Gaza, a cerca de 72 quilómetros de Xai-Xai, a capital provincial. A norte e a leste faz fronteira com os distritos de Panda, Inharrime e Zavala, na Província de Inhambane. A sul é limitado pelo Oceano Índico, a sudoeste pelo distrito de Chongoene e a oeste pelo distrito de Chibuto, também em Gaza. Possui cinco Postos Administrativos, nomeadamente Manjacaze-sede, Chidenguele, Chibonzane, Chalala e Macuacua. Chidenguele e Manjacaze-sede tem estatuto de vila, embora apenas a de Manjacaze-sede seja uma vila autárquica.

reflito sobre o papel estruturante desse legado no campo político de Manjacaze, associando-o ao contexto mais amplo da Província de Gaza e de outras partes do país. Concluo destacando a contínua militarização do campo político em Manjacaze, mas também na Província de Gaza e no país.

1. Porquê Manjacaze?

"Viemos para este distrito porque a história de Moçambique está intimamente ligada à Mandlakazi (...). Aqui foram travadas grandes batalhas. Os habitantes deste distrito nunca aceitaram a dominação. Por isso viemos homenageá-los..." (Samora Machel, in Notícias, 23 de Junho de 1975, p.8.)

No discurso acima, Samora Machel, primeiro Presidente de Moçambique, sublinha que Manjacaze é um lugar de lutas, de resistência e, nos termos de Ribeiro, uma "terra de heróis" (Ribeiro, 2005, p.261). O próprio nome 'Mandlakazi'² remete à esse legado. Do zulu *Mandla ya ngazi*, Manjacaze ou Mandlakazi significa "mãos de sangue" (MAE, 2005), e refere-se ao derramamento de sangue durante os confrontos do seu povo com o poderoso exército do Império de Gaza em meados do século XIX, quando este último tentava conquistar esse território e expandir a sua presença para a parte sul do que é hoje a Província de Gaza (MAE, 2008). Outra versão traduz Mandlakazi por "grande força ou cidade forte e bela" (Liesegang, 1986), enquanto outra ainda traduz como "*Va lhakazi*", que significa "a quem atingiram com lanças e mataram"³. A primeira versão é a mais conhecida, e, nela, o nome de Ngungunhane é sempre associado.

Ngungunhane (em ci-changana ou ci-chopi), ou Gungunhane (em português), foi o quarto e último imperador de Gaza⁴. Sob o seu reinado, Manjacaze tornou-se a capital imperial em 1889. No entanto, tentando impor o seu poder na região, Ngungunhane enfrentou forte resistência local, especialmente dos Chopis, um dos principais grupos étnicos de Manjacaze, juntamente com os Changanas (MAE, 2008). Esta resistência está associada ao surgimento do significado de Mandlakazi como "mãos de sangue" uma vez que Ngungunhane, confrontado com as baixas infligidas pelos Chopis, terá questionado "porquê este sofrimento? por que estou comendo sangue?" (Ribeiro, 2005, p. 261).

Entretanto, mesmo depois de Ngungunhane ter consolidado a sua liderança, Manjacaze continuou sendo palco de outras batalhas importantes, desta vez contra a ocupação colonial portuguesa. Desta feita, Ngungunhane, o antigo invasor, tornou-se símbolo de resistência, depois um dos primeiros heróis nacionais. Foi com Ngungunhane, e em Manjacaze,

² A escrita varia, sendo Manjacaze em português, mas, nas línguas locais (Changana e Chopi), escreve-se e pronuncia-se Mandlakazi.

³ Tempo, n. 600, 11 de Abril de 1982, Suplemento, in Ribeiro, 2005, p.261.

⁴ Ngungunhane (conhecido como Gungunhane em português) reinou de 1884 a 1895, depois do seu pai, Muzila (1861-1884), seu tio Mawewe (1858-1861) e seu avô Soshangane, o fundador do império, também conhecido como Manicusse (1824-1858).

que se travou uma das derradeiras batalhas contra a ocupação efectiva de Moçambique pelos portugueses. A referida batalha, conhecida como Batalha de Coolela, em referência à aldeia de Coolela, a 18 quilómetros da actual vila de Manjacaze, ocorreu a 7 de Novembro de 1895, tendo os portugueses finalmente derrotado os guerrilheiros de Ngungunhane⁵. Após a derrota, Ngungunhane refugiou-se em Chaimite, uma aldeia sagrada da tribo Nguni onde foi sepultado o seu avô, Soshangana, fundador do império de Gaza. Lá foi capturado em 28 de dezembro de 1895 e levado para a Ilha dos Açores, em Portugal, onde morreu em 1906. Embora a derrota e captura de Ngungunhane representasse a queda de um dos últimos obstáculos à efectiva ocupação portuguesa de Moçambique, os nomes de Ngungunhane e Manjacaze permaneceriam para sempre associados à resistência contra a dominação.

Duas décadas após a morte de Ngungunhane, Manjacaze foi berço de outra importante figura, cuja trajectória reforçou o seu legado histórico. Eduardo Mondlane, nascido a 20 de Junho de 1920, em Mwadjahane, a seis quilómetros do local da Batalha de Coolela, foi o fundador da Frelimo e o seu primeiro presidente, o líder que desencadeou a resistência armada contra o colonialismo e o arquitecto da unidade nacional. Mondlane faz parte da principal tríade de liderança da FRELIMO⁶, ao lado do primeiro e segundo presidentes de Moçambique, respectivamente, Samora Machel e Joaquim Chissano, ambos também da Província de Gaza – o que, como se verá mais adiante, contribui para a identificação de algumas pessoas de Gaza com a Frelimo.

No entanto, a identificação de Manjacaze com a Frelimo, também expressa pelo quase total e consistente apoio do seu eleitorado àquele partido (tabela 1), contrasta com a sua imagem de local de resistência e de luta contra os poderes dominantes referenciadas no início desta secção, sobretudo se tiver em conta que Manjacaze é também um distrito pobre, apesar da sua localização relativamente próxima da capital-Maputo. Por exemplo, cerca de 42,4% (14.032 famílias) dos 33.095 agregados familiares do distrito não possuem nem bicicleta nem geleira, televisão, rádio ou qualquer meio de acesso à internet, muito menos carro (INE, 2017). Os níveis de acesso à electricidade e à água estão abaixo da média de Gaza, uma das Províncias mais pobres do país⁷. Estas aparentes contradições justificam o

⁵ Ngungunhane não cedeu às exigências dos portugueses, que incluía o pagamento de impostos à Coroa portuguesa e, nas vésperas da batalha, a entrega de alguns dos seus protegidos, a quem os portugueses acusaram de estarem envolvidos em ataques à autoridade colonial. Estes termos eram inaceitáveis para Ngungunhane, pois implicavam a sua submissão e a dos seus povos. Uma vez que os portugueses já tinham iniciado o processo de "Ocupação Efectiva", conforme acordado na Conferência de Berlim em 1884, o Império de Gaza era um grande obstáculo e o confronto com o seu governante era inevitável.

⁶ Utilizo FRELIMO (em letras maiúsculas) para me referir à Frente de Libertação de Moçambique, antes da sua transformação num partido político, a Frelimo.

⁷ De acordo com dados do IOF (2021), a despesa mensal per capita em Gaza é de 1.008 MT (16 USD), e o valor por agre-

foco deste estudo em Manjacaze.

Tabela 1: Resultados das Eleições legislativas em Manjacaze, 1994 – 2019.

Partido Político	Resultados (% de votos válidos)					
	2019	2014	2009	2004	1999	1994
FRELIMO	94	92	96	92	85	80
RENAMO	3	4	2	3	5	3
Abstenção (%)	56	49	41	64	26	10

Fonte: Compilação do autor com base em dados da CNE e da Cartografia Eleitoral do IESE

De facto, da tabela 1, denota-se que a Frelimo é amplamente dominante no distrito de Manjacaze, com votação média superior a 90%, pelo menos nas últimas quatro eleições gerais. Estes resultados também ilustram a relativa insignificância do apoio do eleitorado de Manjacaze aos partidos da oposição, com destaque para a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), mas também o MDM (Movimento Democrático de Moçambique)⁸, o terceiro maior partido político em Moçambique. A votação média da Renamo e do MDM em Manjacaze não ultrapassa 4% em todas as seis eleições gerais. Há, contudo, que destacar os elevados níveis de abstenção eleitoral neste distrito, por vezes acima de 50%, como foi o caso em 2004 (64%) e em 2019 (56%). Particularmente relevante é a constatação de que os níveis de abstenção em Manjacaze tendem a ser mais elevados do que os da Província como um todo. Nas eleições presidenciais de 2019, por exemplo, os níveis de abstenção em Gaza situaram-se nos 49%, contra 56% em Manjacaze (tabela 2).

gado familiar é de 4.977 MT (79 USD), o mais baixo de todo o país. A situação na Província deteriorou-se nos últimos anos, uma vez que os dados do inquérito de 2015 registaram uma despesa mensal de 1.199MT per capita e 6.121MT por agregado familiar (Maquenzi, 2021).

⁸ O Movimento Democrático de Moçambique (MDM) também apresentou candidatos desde a sua criação em 2009, mas, tal como a Renamo e todos os outros partidos da oposição, sempre com resultados insignificantes. Em 2019, por exemplo, o MDM obteve 1% dos votos em Manjacaze.

Tabela 2: Abstenção nas eleições gerais em Manjacaze, Gaza e Moçambique.

Local/Ano	Resultados (% de votos válidos)						Média
	2019	2014	2009	2004	1999	1994	
Manjacaze	56	49	41	64	26	10	41
Gaza	49	45	38	52	19	10	34
Moçambique (%)	51	52	56	64	34	12	44

Fonte: Compilação do autor com base em dados da CNE, IESE e CIP.

Portanto, apesar das massivas vitórias da Frelimo, que remetem à imagem de quase que total apoio do eleitorado de Manjacaze para este partido, os dados sobre a abstenção permitem relativizar essa constatação, e, igualmente, questionar o grau de legitimidade das lideranças da Frelimo no seu próprio bastião, tendo em conta que a abstenção impacta sobre a legitimidade dos governantes (Brito, 2007, 2013, 2017; Francisco, 2008). Tal questionamento é objecto de outro estudo mais amplo, que aborda, inclusivé, as dinâmicas de contestação à Frelimo, elas mesmas parte do processo de construção e manutenção da sua hegemonia (cf., Chaimite, 2023). Como tenho vindo a referenciar, este *Cadernos*, porém, incide somente na análise das bases do apoio partidário em Manjacaze, tanto por identificação como por defeito, abordadas separadamente nas secções que se seguem.

2. "Frelimo é Deus": apoio por identificação

Começo esta parte com o relato do Senhor Francisco Mondlane, o antigo combatente da guerra de libertação nacional e co-proprietário da casa que mencionei na introdução. Ele explica que, embora ele e a sua mulher sejam antigos combatentes, nenhum deles pegou em armas: "Lutámos no domínio político,"⁹ explica. Nesse domínio, esclarece, "*a hi lwa hi ma rithu*" ('lutávamos através das palavras'¹⁰), o que, para o caso deles, significa que trabalhavam como informadores e mobilizadores. "Éramos informadores; a nossa tarefa era informar a FRELIMO sobre as posições das tropas portuguesas: onde iam, como estavam e com quem falavam, para além de ajudar a recrutar pessoas. Nós [também] angariávamos dinheiro para ajudar a FRELIMO. Recolhíamos doações nas igrejas e dávamos a pessoas que viajavam para a África do Sul. Estas pessoas sabiam como fazer chegar esse dinheiro [à FRELIMO]..."¹¹

O Vovô Mondlane, como o meu interlocutor também é conhecido, é bispo na igreja Zione. Este facto também o ajudou a desempenhar as suas funções de mobilização, uma vez que, como ele explica, as igrejas faziam parte dos principais locais de mobilização da FRELIMO. No entanto, a sua decisão de se envolver na guerra colonial e, consequentemente, de se aliar à FRELIMO, não foi imediata. Foi após a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado Português) o ter detido, juntamente com seus seis amigos. Foram acusados de colaborar com Eduardo Mondlane, então presidente da FRELIMO, uma vez que durante a preparação da guerra, Mondlane tinha recrutado alguns jovens de Cambane. Eis o seu relato detalhado:

"Antes da guerra [de libertação], Eduardo Mondlane veio aqui [em Cambane], procurou aqueles que também eram da família Mondlane e disse que queria começar uma guerra. Logo no início, ele recrutou o Romão, que era filho do Régulo (principal chefe tradicional da altura)¹². Romão foi a primeira pessoa que Mondlane levou daqui e o pai dele estava a par de tudo. Foi aí que começou a confusão com os portugueses ... [porque] alguém daqui informou 'os Brancos' [colonos portugueses]. Então, os portugueses começaram a prestar atenção aqui ... Depois da morte de Mondlane, os portugueses vieram e queriam saber se era verdade que Mondlane tinha morrido. Disseram que nós [de Cambane] sabíamos porque Mondlane tinha

⁹ Francisco Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 8 de Fevereiro de 2019.

¹⁰ Traduzido da língua changana, uma das línguas mais faladas em Moçambique – a segunda depois do Macua (INE, 1998).

¹¹ Francisco Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 8 de Fevereiro de 2019.

¹² Os régulos eram conhecidos pela sua aliança com os colonialistas portugueses, pelo que a ligação do seu filho à FRELIMO foi considerada uma enorme traição pelos colonos portugueses.

ligações locais, uma vez que Romão tinha saído da aldeia com ele... Fomos levados pela PIDE. Fomos obrigados a confessar, mas não sabíamos de nada. Durante dois anos, não tivemos conhecimento da morte de Mondlane, mas para eles, não estávamos a dizer a verdade. Bateram-nos com chamboco [cassetete de tortura] ... depois mantiveram-nos na prisão da Machava durante dois anos¹³. O que eles queriam saber era se Mondlane tinha mesmo morrido... depois de dois anos na cadeia, libertaram-nos. Voltei para casa, mas a guerra continuava... voltei para a machamba [campos agrícolas], mas pensei no sofrimento que passei na cadeia por causa da FRELIMO e decidi alistar-me: o que me fez ser combatente foi a porrada que levei por causa da FRELIMO."¹⁴

No entanto, se por um lado, a prisão motivou a filiação do Vovô Mondlane à FRELIMO, por outro, e tal como ele explica, durante o período em que esteve preso, bem como com a intensificação da guerra e a disseminação de informações sobre a mesma, ele passou a conhecer melhor as motivações da luta desencadeada pela FRELIMO, ao ponto de despertar o seu interesse em se envolver na guerra. De facto, acrescenta o Vovô Mondlane, "eu já imaginava um país sem o colono, sem o controlo da PIDE, sem o Chibalo [trabalho forçado] ..." e, portanto, sob a liderança da FRELIMO. É na citação seguinte que ele aborda a sua devoção à Frelimo, também expressa nas palavras escritas na parede da sua casa, que dão título à este capítulo:

"A FRELIMO libertou o país para sempre. Libertou-nos do colonizador. Estávamos mortos [com os colonialistas]. A FRELIMO deu-nos armas e libertou-nos. Portanto, a FRELIMO é Deus... Eu sofri nas mãos dos colonialistas portugueses. Fui parar à cadeia; eu e os meus amigos... Eles [os meus amigos] morreram todos e eu fiquei sozinho. A FRELIMO deu-me vida e permitiu-me viver até hoje. Eu não sou a única pessoa a quem a FRELIMO deu vida, mas todos os moçambicanos... A FRELIMO é como o nosso Deus. Nem sequer é como um Deus; é [ela própria] um Deus e dá vida; por isso escrevi: "Deus e FRELIMO Louvarei para sempre."¹⁵

No decurso da conversa, Vovô Mondlane tinha consigo uma Bíblia e documentos da Frelimo, que colocou em frente de mim, em cima de uma mesa. À medida que ia falando, abria esses documentos, mostrando algumas passagens sobre a história da Frelimo, ilustrando claramente o seu domínio, usando-os para reforçar os seus argumentos. Salientou que os moçambicanos devem lealdade e gratidão à Frelimo, que libertou o país e que, por isso,

¹³ A cadeia da Machava é a principal prisão de máxima segurança em Moçambique, também conhecida por B.O.

¹⁴ Francisco Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 8 de Fevereiro de 2019.

¹⁵ Ibid.

a Frelimo deve ser louvada da mesma forma que Deus, tal como ele o faz. Continuou explicando que a frase escrita na parede da sua casa servia também para dissipar quaisquer dúvidas sobre as suas preferências partidárias e para mostrar a sua entrega abnegada à Frelimo. Sublinhou que daria a sua vida pela Frelimo, uma vez que a FRELIMO lhe deu a sua vida: “Estes Matsangas¹⁶ devem saber que esta é a casa da Frelimo... devem saber imediatamente que eu apoio a Frelimo. Se eles me quiserem matar, podem matar à vontade. Eu apoio a Frelimo”,¹⁷ concluiu.

Outros interlocutores também justificam o seu apoio ao partido Frelimo com base no argumento de “libertador”: “A FRELIMO é o partido que hasteou a bandeira”, respondeu Mateus Mbila¹⁸, outro idoso de Chidenguele, quando questionei “porquê a Frelimo?”. Depois acrescentou: “As pessoas aqui vão sempre reconhecer a Frelimo porque ela trouxe a independência”. O reconhecimento inclui “... votar na Frelimo. Muitos nem sequer olham para os outros [partidos]. Só olham para a Frelimo e ... Boom! [votam]!”. Para ele, “votar na Frelimo é agradecer-lhe o sacrifício que fez na guerra colonial¹⁹...”

Mateus Mbila lamenta que “... aqueles que não viveram o colonialismo às vezes não valorizam devidamente a Frelimo”, e tal como o Vovô Mondlane, sugeriu que os mais velhos e antigos combatentes passassem o legado às novas gerações: “olha para este caderno! [apontando para um pequeno folheto com a história de Eduardo Mondlane]. Há muita informação sobre a Frelimo. Isto é sobre Eduardo Mondlane e a Frelimo... andamos por aqui [em Manjacaze] a transmitir informação e a ensinar os mais novos. Eles têm de conhecer a Frelimo. Devemos continuar a fazer isso.”²⁰

De facto, há uma questão geracional, uma vez que a maioria dos interlocutores que se referem à sua ligação à Frelimo como gratidão por esta ter sido a “libertadora da pátria” são maioritariamente idosos, que como o Senhor Mbila salienta, viveram o colonialismo. Na verdade, alguns jovens e adultos também o fazem, mas com especificidades, como abordo a seguir. Antes, dois pequenos relatos, um de um homem de 54 anos, que tinha apenas seis anos quando o país se tornou independente em 1975, e outro de uma jovem nascida 18 anos depois da independência, actualmente com 30 anos. O primeiro relato é de Beto Massango, de Chidenguele. O segundo é de Joana Mondlane, da sede do Distrito de Manjacaze.

¹⁶ Nome dado aos guerrilheiros da Renamo. Na secção seguinte, explico em pormenor a origem do nome.

¹⁷ Francisco Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 8 de Fevereiro de 2019.

¹⁸ Mateus Mbila, Entrevista, Manjacaze, 26 de Outubro de 2019.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Mateus Mbila, Entrevista, Manjacaze, 26 de Outubro de 2019.

"Eu não vivi o colonialismo, mas os meus pais dizem que cresceram a sofrer do Chibalo [trabalho forçado]. Disseram que conheceram o Chibalo e que a Frelimo os libertou... Depois da independência, a minha mãe trabalhou com a Frelimo até à sua morte. [Ela pertencia ao Grupo Dinamizador (GD) e à OMM [Organização da Mulher Moçambicana]. Portanto, a Frelimo aqui em casa é tudo. Para mim, a Frelimo está no sangue... Tenho de continuar a preservar o nosso legado [do partido], mesmo que não me dêem nada, nem sequer uma folha de papel ...]"²¹

"O meu pai era um antigo combatente da luta de libertação. Foi preso e encarcerado durante dez anos. Quando era vivo, costumava dizer-nos isto: 'Eu estive lá [na cadeia] pelo nosso partido. Partido da família de Mondlane... vocês são meus filhos, [portanto] pertencem ao partido'. Então, o que é que eu devo fazer? Não posso trair [o meu pai]... Eu pertenço à Frelimo."²²

Em ambos os casos, os interlocutores mostram que ouviram falar da Frelimo em casa, com seus pais, que lhes contavam pormenores sobre o colonialismo e a 'salvação' que a Frelimo trouxe ao lutar pela independência. À semelhança dos seus pais, também eles se consideram ligados à Frelimo e são gratos a este partido. No caso de Beto Massango, que durante a entrevista ainda estava furioso com os dirigentes locais da Frelimo por o terem excluído do grupo de mobilização do partido para a campanha eleitoral, não deixou de elogiar e defender a Frelimo. Para ele, "a Frelimo está no sangue," disse. Por seu turno, Joana Mondlane frisou que nunca deixará de apoiar a Frelimo porque estaria a trair o seu falecido pai, um antigo combatente da luta de libertação. Estes são, então, casos ilustrativos de como o vínculo duradouro com os partidos políticos nasce e é transmitido na socialização primária, tal como referido na vasta literatura sobre identificação partidária (Campbell *et al.*, 1960; Key, 1967; Fiorina, 1981; Miller and Shanks, 1996; Dinas, 2017). Na Secção 4, voltarei à socialização política e a esta questão geracional. Vale a pena abordar um último aspecto do excerto da conversa com Joana Mondlane. Tal como o seu pai 'instruiu', ela refere-se à Frelimo como o "partido da família Mondlane", outro elemento-chave para se poder entender a identificação partidária em Manjacaze.

Mondlane é evocado tanto como herói e arquitecto da unidade nacional, mas em Manjacaze, também como 'família', como um 'conhecido' através do qual se sentem ligados à Frelimo, alguns por laços de sangue, uma vez que a Frelimo é "o partido de Mondlane", como refere Joana. Em Manjacaze, muitas pessoas têm o apelido 'Mondlane' e sentem-se

²¹ Beto Massango, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

²² Joana Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 4 de Abril de 2019.

ainda mais próximas da Frelimo²³. Deste modo, o apelido ‘Mondlane’, e o facto de Eduardo Mondlane ser originário de Manjacaze, contribuem para que parte da população de Manjacaze se sinta ligada à Frelimo como uma família, mesmo que alguns não possuam laços de sangue com ele. A seguinte citação é de Jojo, um dirigente da Frelimo que é da ‘família Mondlane’, apesar de não partilhar quaisquer laços de sangue com Eduardo Mondlane, o herói:

*“Sou obrigado a ser membro da Frelimo por causa do meu apelido [que é Mondlane]. O meu apelido é o do homem que fundou a Frelimo em Nwadjahane [aldeia natal de Eduardo Mondlane], por isso sou membro da Frelimo e não posso sair. Vou morrer como membro da Frelimo...”*²⁴

Em suma, para alguns, a Frelimo é uma família alargada, razão pela qual é considerada localmente como uma figura paterna e materna – pai e mãe como muitos interlocutores evocavam-, mas o nome de Mondlane, nascido em Manjacaze, reforça este sentimento de ‘proximidade’, o que também contribui para as pessoas se associarem, e, deste modo, se ‘identificarem’, com a Frelimo em Manjacaze. Todavia, o papel histórico da FRELIMO como ‘libertadora’ é fundamental para esta identificação, especialmente entre os mais velhos, que se sentem compelidos a ‘louvar’ eternamente a Frelimo, tal como louvam a Deus, como ilustra o caso do senhor Francisco Mondlane, citado no início desta secção. A secção seguinte continua a analisar o peso da história no apoio partidário em Manjacaze, centrando-se na dinâmica de outra guerra: a guerra civil, na qual se funda o apoio por defeito.

²³ Em Manjacaze, há aldeias inteiras onde as pessoas têm o mesmo apelido: Massango na aldeia dos Massangos, Chiziane nas aldeias de Chiziane, Mause, Manhique, etc. Embora não coincida com o de uma aldeia específica, o nome ‘Mondlane’ é bastante comum em Manjacaze.

²⁴ Jojo Mondlane, Entrevista, Cambane, Manjacaze, 30 de Outubro de 2019.

3. '[Porque] a Frelimo protegeu-nos dos ataques da Renamo': apoio por defeito

Tal como na análise das fontes de identificação partidária na secção anterior, a reflexão sobre o apoio por defeito que se segue destaca as memórias da guerra. Sublinho o impacto das percepções dos papéis desempenhados pela Frelimo e pela Renamo na guerra civil no apoio à Frelimo. Defendo que é 'por defeito' porque, em oposição à Renamo, a quem os eleitores de Manjacaze responsabilizam pelas atrocidades da guerra, estes acabam por apoiar a Frelimo, não por estarem necessariamente ligados a ela, como na identificação partidária, mas porque o distanciamento da Renamo os aproxima da Frelimo. Trata-se, assim, de apoio por negação, que (Ramelet, 2020) identifica noutros contextos e aborda como partidarismo por negação (*negative partisanship*). Para o caso de Manjacaze, primeiro, alguns pormenores sobre a guerra civil, entre 1976 e 1992.

Há pelo menos duas designações para a referida guerra, cada uma a realçar naturezas e origens distintas. Para alguns analistas (Fauvet, 1984; Roesch, 1992; Abrahamsson and Nilsson, 1995) e para o Governo da Frelimo, tratou-se de uma guerra de agressão e desestabilização, iniciada pelo regime de Ian Smith na Rodésia (actual Zimbabue) e mais tarde apropriada pelo regime do Apartheid, na África do Sul. Para eles, a Renamo era apenas um fantoche dessas forças externas. A Renamo defendeu que se tratava de uma guerra pró-democracia e que tinha como objectivo mudar o regime. Ao mesmo tempo, para outros analistas, foi uma guerra civil porque, como argumentam, apesar da influência de factores externos, deveu-se também a contradições internas da sociedade moçambicana e do próprio regime autoritário, e opôs moçambicanos a outros moçambicanos (Cahen, 1990; Geffray, 1990; Morier-Genoud, Cahen, and Rosário, 2018). Aqui abordo como 'guerra civil', pelas razões apontadas por estes últimos autores.

Porém, para os meus entrevistados, é simplesmente 'Guerra de Dhlakama' ou 'Guerra dos Matsangas', o que já constitui uma opção política. O termo 'Guerra dos Matsangas' ou 'de Dhlakama' assemelha-se a outra referência local para a guerra de libertação: a 'Guerra de Mondlane'. Em ambos os casos, utilizam o apelido do líder da organização que consideram responsável pela guerra. Já me referi a 'Mondlane' na secção anterior. No caso da guerra civil, o termo 'Matsanga' deriva de André Matsangaissa, o fundador e primeiro Presidente da Renamo, enquanto 'Dhlakama' é o apelido do segundo, Afonso Dhlakama. Ora, enquanto mencionam Mondlane de forma positiva – como libertador – Dhlakama e Matsangaissa são evocados negativamente como 'bandidos', 'assassinos', 'predadores', 'violadores', entre outros adjectivos, também atribuídos à Renamo. Neste sentido, ser 'Matsanga', por exemplo, o nome mais comum atribuído aos apoiantes da Renamo em Manjacaze, é ser visto e

tratado como um bandido e, por isso, sujeito à marginalização e exclusão. Esta é, portanto, uma variante da versão do Governo da Frelimo, que prevalece actualmente e é, em parte, reforçada pelo partido no poder, como mostrarei nas secções subsequentes.

3.1. *A guerra: origem e evolução em Manjacaze*

Em Manjacaze, os ataques da Renamo começaram na primeira metade da década de 1980; muitos indicam 1982, outros 1981. Porém, todos são unânimes em afirmar que, no início da década de 1980, os guerrilheiros da Renamo já se encontravam em diferentes partes de Manjacaze, embora, até essa altura, os ataques ainda se limitassem a determinadas zonas. A aldeia de Nwadjahane (local onde nasceu Eduardo Mondlane), por exemplo, e outras localidades vizinhas, incluindo a sede do distrito, tinham sido poupadas dos ataques da Renamo, pelo menos no início. A explicação é que a ‘terra de Mondlane’ é ‘sagrada’, mesmo para os guerrilheiros da Renamo, que diziam respeitar Mondlane e os seus ideais, o que já não era o caso na maioria das zonas mais distantes. As aldeias do Posto Administrativo de Chidenguele enquadram-se no primeiro grupo. Estas foram alvos privilegiados dos ataques, também pelo facto de se situarem nas imediações da Estrada Nacional Número 1 (EN1), a principal via de comunicação do país e estratégica para o abastecimento das então Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM), o exército do Estado, agora Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM). No entanto, apesar disso e durante o primeiro contacto, os guerrilheiros da Renamo não atacavam as populações:

*"Lembro-me muito bem. [Os guerrilheiros da] Renamo entraram na nossa aldeia aqui [em Massango, Chidenguele] a 10 de Maio de 1982. Depois deslocaram-se para Dengoine [uma das cinco localidades de Chidenguele, que inclui uma aldeia com o mesmo nome]. Havia dois grupos ... Ainda não eram cruéis. Apenas escolhiam adultos, para carregarem as suas coisas [os pertences dos guerrilheiros]. Depois de uma certa distância com a carga, capturavam outras pessoas para continuar e libertavam os outros. Estes últimos podiam voltar para casa..."*²⁵

O excerto que se segue também aborda a forma como os guerrilheiros da Renamo interagiam com as populações, pelo menos no início. O interlocutor é Arnaldo Manhique, um ex-militar das FPLM:

"Quando a Renamo chegou à Província de Gaza, não era tão violenta... aqui na sede

²⁵ Paulo Matende, Intervenção, Discussão do Grupo Focal com idosos, Massango, 29 de Maio de 2018.

[do Distrito de Manjacaze], *passavam em direcção a Chibuto, para sabotar a linha férrea que vai de Macuácuva a Chicome. Para além da linha férrea, faziam alguns ataques na Estrada Nacional Número 1 (EN1) e regressavam às suas bases militares. Não eram tão violentos, viviam com as populações. Por exemplo, eles normalmente recrutavam pessoas aqui para os ajudar a transportar bens até uma certa distância, depois substituíam-nas e mandavam-nas de volta para casa e assim por diante. Por isso é que ninguém tinha medo da Renamo. Eles andavam armados, mas nós não tínhamos medo.*"²⁶

Existem pelo menos três relatos diferentes sobre a razão pela qual a Renamo intensificou as suas incursões em Manjacaze, passando também a atacar a população. A primeira, a mais evocada, é de que a Renamo começou a reagir a alegadas falsas acusações de que cometia atrocidades. Alguns entrevistados referiram que as forças governamentais cometiam algumas atrocidades para imputar a responsabilidade à Renamo, demonizando-a, o que levou esta última a passar a efetuar, de facto, os ataques. A segunda foi que as pessoas libertadas pela Renamo, depois de transportarem os seus bens, revelavam as posições da Renamo: "...depois de sermos capturados, no nosso regresso, costumávamos dizer às forças do Governo onde tínhamos visto soldados da Renamo. Eles eram depois perseguidos... então viraram-se contra nós e começaram a matar, dizendo que estávamos a comprometer as suas posições militares"²⁷. A terceira é de a Renamo atacava em resposta às ofensivas das milícias aliadas ao Estado, que anteriormente apenas protegiam as aldeias comunais.

No que diz respeito à responsabilidade pelas atrocidades registadas durante a guerra, os informadores referem-se amplamente a uma figura chave – *Sathane* (nas línguas xi-changana e xi-chopi, que traduzido para português, significa Satanás). Pouco se sabe sobre a origem deste '*Sathane*', nem sequer o seu verdadeiro nome é revelado. No entanto, as suas acções ainda estão vivas na memória das pessoas, principalmente no seio dos residentes de Chidenguele, que o consideram um verdadeiro '*Satanás*', como a sua alcunha sugere. Tudo o que se sabe é que ele era comandante das FPLM, e que a sua brutalidade também influenciou a reacção violenta da Renamo contra a população. A seguir, um pequeno excerto ilustrativo, retirado de uma Discussão do Grupo Focal com idosos da aldeia de Dengoine:

Eu: O que fez com que a Renamo mudasse o seu comportamento, começando a matar, se vocês dizem que não o fazia antes?

²⁶ Arnaldo Manhique, Manjacaze, 6 de Julho de 2015 (entrevista retirada de uma publicação do autor deste Caderno, escrita com Salvador Forquilha, em 2015. Cf., Chaimite and Forquilha 2015, p.4).

²⁷ Paulo Matende, Intervenção, Discussão de Grupo Focal com idosos, Massango, 29 de Maio de 2018.

Interveniente 1 (idoso, sexo masculino): *O comportamento do comandante da Frelimo [o comandante das FPLM] chamado Sathane. Quando os soldados da Renamo saíssem daqui, ele e o seu grupo vinham perguntar-nos se os tínhamos visto. Se respondêssemos 'sim', ele matava para poder dizer que a Renamo tinha matado tantas pessoas na comunidade X, mas a Renamo não tinha começado a matar ninguém...*²⁸

Outros informadores relataram que *Sathane* matava porque suspeitava que as pessoas eram agentes da Renamo. Afinal, explicaram, o Comandante *Sathane* não estava convencida de que a Renamo libertava pessoas: "*Sathane* desconfiava de toda a gente ... se respondesse 'sim' às suas perguntas sobre ter visto soldados da Renamo, ele tentava descobrir como é que a pessoa tinha escapado e depois matava-a. Depois ele dizia na rádio [entenda-se aparelho de comunicação dos militares] que a Renamo tinha matado tantas pessoas no local X e as forças da Renamo, depois de ouvirem isso, no seu regresso, matavam mesmo. Foi assim que a Renamo se tornou perigosa. Então [desde essa altura], se alguém fosse apanhado, só com sorte chegava [à base militar da Renamo] ou voltava para casa ... Os soldados da Renamo estavam desorientados, enquanto antes viviam com as populações."²⁹

No entanto, para alguns informadores, *Sathane* não era apenas uma figura satânica. Alguns episódios destacam a sua bravura em combate e as suas acções em defesa da população. Como exemplo, na Discussão do Grupo Focal com os idosos, que tenho estado a referenciar, abordou-se o seu papel no bloqueio dos ataques da Renamo após a destruição da Aldeia Comunal de Betula, em Chidenguele, em 1983: "... Neste período, [os guerrilheiros da Renamo] queimaram as aldeias de Betula e souberam que havia outras em Massango. Então a Renamo mandou avisar os que viviam na aldeia de Massango que estavam a caminho. Eles avisavam sempre... Desta vez avisaram e disseram que as pessoas deviam preparar chima, que iam trazer caril... O caril era a sua maneira de dizer que vinham para matar... As pessoas saíram da aldeia de Massango, mas a Renamo não chegou porque depois houve uma patrulha do terrível comandante da Frelimo, conhecido por *Sathane*."³⁰ Como já foi referido, a figura de *Sathane* é controversa e a sua história necessita de mais pesquisa.

Quanto ao papel dos milicianos, a terceira justificação para a intensificação dos ataques da Renamo, segue-se um relato do Senhor Arnaldo Manhique, o ex-militar das FPLM que citei anteriormente:

²⁸ Gito Boene, Intervenção, Discussão do Grupo Focal com idosos, sede de Dengoine, 8 de Março de 2018.

²⁹ Panguene Madjojo, Intervenção, Discussão do Grupo Focal com idosos, sede de Dengoine, 8 de Março de 2018.

³⁰ Gito Babene, Intervenção, Discussão do Grupo Focal com idosos, sede de Dengoine, 8 de Março de 2018.

*"A situação mudou em 1985, quando começaram a formar-se grupos de milicianos. Dizia-se que os milicianos estavam lá para proteger as aldeias comunais, mas em vez de apenas proteger, começaram a fazer aquilo que chamavam ofensivas; atacavam posições da Renamo... Os milicianos eram nossos familiares, eram nossos pais, eram pessoas que viviam nas próprias aldeias, que lutavam contra a Renamo... e por sua vez, a Renamo dizia, 'não, nós deixamos estas pessoas em paz, e elas atacam-nos! Então, começou a violência. Antes, [a Renamo] sentia-se à vontade quando atravessava uma zona para pedir uma galinha, uma cabra... e as pessoas ofereciam. Não havia problemas. Mas a partir do momento em que começaram a ser atacados [pelos milicianos], passaram a responder com violência..."*³¹

Após o relato acima, o Senhor Manhique também explicou como e por que o Massacre de 10 de Agosto de 1987 aconteceu em Manjacaze:

*"Eles [os guerrilheiros da Renamo] não atacaram [a sede do Distrito de Manjacaze] durante muito tempo. Não tinham nada a ver connosco. Então começaram a atacar por causa dessa ofensiva das milícias em 1987. Nessa altura, nos bairros vizinhos, já todas as pessoas tinham fugido para as aldeias comunais. Depois, [as forças da Renamo] aperceberam-se disso. A maneira de apanhar aquelas pessoas que nos atacam sempre é ir para a retaguarda'. Foi aí que eles atacaram. O ataque surpreendeu algumas pessoas, que foram queimadas vivas; outras foram esfaqueadas.... coisas típicas de ofensivas. Era uma ofensiva que visava assustar as pessoas e mostrar que podiam entrar na sede do Distrito de Manjacaze. ... O mal não vem só! Perceberam que as forças do Governo que deveriam proteger a sede do Distrito de Manjacaze tinham partido para Guambe [em Inhambane] durante uma ofensiva. ...Foi exactamente nessa altura que a Renamo chegou. Apenas treze soldados do governo estavam a proteger a administração. Eles fizeram o que queriam aqui. Não houve resistência nenhuma."*³²

A partir de 10 de Agosto de 1987, os ataques à vila de Manjacaze tornaram-se frequentes e, nessa altura, a guerra tinha-se estendido a quase todos os Postos Administrativos do Distrito, agora com relatos de pilhagens, raptos, mutilações e violações, todos atribuídos aos 'Matsangas', os 'bandidos armados', que alegadamente espalhavam o terror no seio da população do distrito. Segundo o Senhor Arnaldo Manhique, esta imagem da Renamo e, sobretudo, a morte do seu próprio pai num dos ataques na sua aldeia, não só o fez odiar a Renamo, como também o motivou no teatro de guerra, uma vez que também se tornou

³¹ Arnaldo Manhique, Entrevista, Manjacaze 6 de Julho de 2015.

³² Ibid.

soldado. Segundo explica, só com o tempo é que a raiva que sentia pela Renamo, “... saiu da minha cabeça. Comecei a aperceber-me de que não era fácil compreender a origem da guerra quando se era ainda tão jovem. Por isso, à medida que fui crescendo, comecei a perceber por que razão aquela guerra rebentou: foi por causa das divisões dentro das forças armadas. Epá! Muita, muita confusão.”³³

Na altura das entrevistas que tenho vindo a citar, o Senhor Manhique era membro do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), o terceiro maior partido político do país, e o único membro da oposição na Assembleia Municipal de Manjacaze. Em entrevistas posteriores, designadamente em 2018 e 2019, já tinha aderido à Renamo, tendo sido mandatário da candidatura deste partido em Gaza e foi também candidato a membro da Assembleia Provincial. A sua trajectória é bastante peculiar, pelo menos no contexto de Manjacaze e de Gaza, onde a Renamo é amplamente responsabilizada pelas atrocidades da guerra civil, mas também porque, nesse contexto, “se és da oposição, tens que te esconder...”³⁴ especialmente nas zonas mais remotas, como refere outro interlocutor, desta vez de Chidenguele. Na opinião deste último, “[os da oposição] têm medo... [porque] as pessoas não entendem o que é oposição. Em relação à oposição, muitos igualam-na à Renamo e a Renamo matou muita gente aqui.”³⁵ Isto leva a uma reflexão sobre como as memórias da guerra são mobilizadas para se obter ganhos políticos.

3.2. *Quem é o culpado? Apoio por defeito*

De um modo geral, quando se fala de oposição em Manjacaze, tem-se em mente a Renamo, e mesmo durante as conversas e entrevistas, muitos interlocutores usaram os termos ‘Renamo’ e ‘oposição’ alternadamente. É como quando diziam ‘O partido’, que se refere à Frelimo e, simultaneamente, ao Governo e ao Estado (cf., também, Brito, 1988, 1991, 2020; Hagmann & Péclard, 2010; Orre, 2010; Sumich, 2010; Nuvunga, 2013, 2014; Bertelsen, 2016). Desta forma, a Frelimo é ‘o partido’, o Governo e o Estado, enquanto ‘oposição’ se refere à Renamo, à qual todos os outros partidos políticos são vistos como estando associados. A explicação para esta associação reside na percepção de que “... os outros partidos são filhos da Renamo. Portanto, são iguais. Filho de bandido é bandido...”³⁶ razão pela qual muitos se distanciam da Renamo e da oposição em Manjacaze. Portanto, a Renamo e todos os partidos da oposição são percebidos como sendo culpados pelas atrocidades cometidas durante a guerra

³³ Ibid.

³⁴ Beto Massango, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

³⁵ Ibid.

³⁶ Beto Massango, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

civil.

Há, sim, alguns como Arnaldo Manhique, para quem a guerra é uma coisa do passado, por isso se juntam à oposição, apesar dos riscos, que levam alguns simpatizantes da Renamo a esconderem-se. Bravo Job, de 83 anos, residente em Cambane, é um dos que desqualifica as narrativas oficiais sobre a guerra. Para o Senhor Job, "a Renamo matou, mas a Frelimo também matou. Eles só dizem que a Renamo matou, mas a Frelimo também matou. Dizem que é a Renamo só porque a Renamo estava escondida no mato, mas toda a gente [matou]." Depois explica por que razão algumas pessoas apoiam a Frelimo: "... muitos ainda estão com a Frelimo porque ainda pensam na guerra. Não sabem que temos de seguir em frente..."³⁷ e continua: "Desde a introdução de eleições, com Chissano [antigo Presidente de Moçambique], dizem que Chissano trouxe a paz e a Renamo matou. Dizem, 'não votem na Renamo' e nós andamos nisto desde essa altura."

Muitos entrevistados referiram que apoiam a Frelimo em oposição à Renamo que, como refere o Senhor Job, consideram ser um 'grupo de Matsangas' e, portanto, bandidos, embora alguns reconheçam que a Frelimo também cometeu atrocidades. "Nós sabemos que a Frelimo também matou, mas, para nós, foi a Renamo. Por isso, a Renamo nunca vai ter um único voto aqui,"³⁸ respondeu o Beto Massango, outro interlocutor de Massango, em Chidenguele, quando perguntei por que evocava sempre a guerra para justificar o seu apoio à Frelimo. Segue-se uma explicação ainda mais pormenorizada, retirada de uma longa conversa com Malita Guibande, chefe de povoação e membro do grupo de choque da Frelimo.

"Malita Guibande (MG): Na altura, entrámos na política com base na nossa realidade, ao contrário de agora, em que as pessoas entram por causa das coisas que ouvem.

Eu: Pode explicar melhor?

MG: Eu disse 'a nossa realidade'. Estou a falar da guerra. Aqui sofremos muito por causa da guerra. Eu ainda era criança, mas sei que na guerra, quem nos atacava era a Renamo e a Frelimo estava do nosso lado. Então, nós crescemos com isso na cabeça... essa coisa do multipartidarismo não existia. Então, [multipartidarismo] não significa nada para nós. Só sabemos da Frelimo e da Renamo e que a Frelimo nos defendeu e a Renamo atacou.

Eu: Se nessa altura o senhor era uma criança, como diz, como é que distinguia entre

³⁷ Ibid.

³⁸ Gumende Tair, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

atacantes e defensores?

MG: *Há certas coisas que só podemos analisar agora que a situação está calma. No tempo da acção [ou seja, da guerra], não havia tempo para analisar as coisas porque vivíamos com as milícias da Frelimo. Então, nós sabíamos que a Renamo é que estava no mato e que vinha nos atacar. Hoje, quando analisamos, vemos que os soldados da Frelimo também nos atacaram e nós confundimos com a Renamo. Sabemos que eles [soldados da Frelimo] vieram para denegrir a imagem do outro partido [na altura da guerra], mas no momento da acção, ninguém sabia disso.*

Eu: *E agora que já está crescido e mais informado, isso muda alguma coisa?*

MG: *Depende de cada pessoa. Alguns mudam, mas a maioria diz que aqui, as coisas estão na mesma... aqui no campo, não é fácil alguém vir a público e dizer que é de outro partido, e por isso...*

Eu: *Porquê?*

MG: *Talvez para os jovens que ainda estão a crescer, mas para as pessoas da nossa idade [ele tem 52 anos] que viveram a guerra, muito poucas. Ha ha ha [risos].*

Eu: *Por que razão os jovens mudam, e os da sua geração não?*

MG: *Os jovens não viveram a guerra. A maior parte das pessoas mais velhas da nossa idade sabe o que é a guerra. Por isso, não são muitos [os jovens] que compreendem quando explicamos o que passámos com a guerra.... Quanto aos idosos, é preciso notar que aqui há muito analfabetismo. Quando explicam [aos mais velhos] que a Frelimo também atacou, ninguém entende, e ninguém quer ouvir. Dizem logo: 'Eu perdi os meus pais, irmãos...' Portanto, há esta ignorância. Se alguém disser isso [ou seja, acusar a Frelimo], eles podem até vir destruir a tua casa, e é a própria comunidade que faz isso, não é sob a orientação de um dirigente. A comunidade faz isso...' ³⁹*

O longo excerto acima é bastante elucidativo; mostra que parte do apoio à Frelimo não é por identificação, mas também por defeito, isto é, em oposição à Renamo, vista como representando toda a oposição. Por seu turno, a oposição aos partidos da oposição deve-se também à responsabilidade atribuída à Renamo pelas atrocidades cometidas durante a guerra civil. A Renamo e os seus membros são vistos como 'bandidos', 'assassinos', 'predado-

³⁹ Malita Guibande, Entrevista, Cambane, 27 de Fevereiro de 2018.

res' e 'violadores', entre outros adjetivos. Por extensão, todos os outros partidos da oposição são 'Matsangas' e 'bandidos', designações locais comuns para a Renamo. Tal como este último, as pessoas distanciam-se de outros partidos da oposição e são, em grande parte, intolerantes à sua presença em Manjacaze. Em contrapartida, a Frelimo destaca-se como 'libertadora' e 'protectora', 'merecendo' o apoio da população. Deste modo, as memórias da guerra civil, mas também de libertação nacional, ainda influenciam a forma como as pessoas de Manjacaze avaliam, valorizam, associam ou se distanciam de ambos os partidos naquele distrito. Há também uma questão geracional, evidente no último excerto acima. Como explica Malita Guibande, os adultos e os idosos, que viveram a guerra, são menos tolerantes com a oposição, ao contrário dos jovens, sem essa experiência e com maior acesso à informação. No entanto, os adultos e os mais velhos esforçam-se por transmitir o legado e as memórias da guerra às gerações mais novas, com o objectivo de influenciar a sua orientação partidária, com relativo sucesso, como demonstro de seguida.

4. O legado das guerras

"Nós crescemos com a Frelimo. Quando éramos crianças, éramos obrigados a participar nas reuniões do partido. Havia Grupos Dinamizadores (GD), e a minha mãe fazia parte deles. Na escola, também estudávamos a Frelimo... Mas eu também vivi a guerra e vi que a Renamo não veio para cá de uma boa forma. Eles destruíram e levaram tudo, por isso vemos a Frelimo como o nosso pai, o nosso defensor, e eu explico isto aos meus filhos ..."⁴⁰

Para além da imagem da Frelimo como 'protectora', que juntamente com a de 'libertadora', contribui para o apoio que recebe em Manjacaze, como expliquei nas secções anteriores, o excerto acima também evoca aspetos sobre a socialização política, destacando o papel da própria Frelimo como um dos principais agentes, juntamente com as 'famílias' e as 'escolas'. Esta secção analisa o papel da Frelimo, também como uma 'grande família', incluindo a questão geracional, que também foi evidente nas secções anteriores. Depois, na conclusão, reflito sobre o papel da guerra na estruturação do campo político em Manjacaze, que considero ser ainda um 'campo político minado' pelo espectro da guerra, gerando medo, intolerância, o que contribui para a manutenção da hegemonia da Frelimo (Chaimite & Forquilha, 2015; Chaimite, 2023).

4.1 Socialização política

A socialização política é o processo através do qual as pessoas adquirem e interiorizam normas, crenças e valores que informam e moldam as suas escolhas e comportamentos políticos (Sapiro, 2004; Braud, 2011; Nay, 2011). Estudar a socialização política implica captar onde e como as pessoas formam e cristalizam as suas ideias sobre política e as incorporam nos seus valores, crenças e comportamentos ou práticas, bem como identificar os mecanismos e processos dessa incorporação (Greenstein, 1969; Sapiro, 2004; Braud, 2011; Dinas, 2017). Aqui, a Frelimo se destaca como arena de socialização política em Manjacaze, juntamente com as famílias, as escolas, igreja, entre outras instituições. No entanto, estas últimas também estão interligadas com a Frelimo. No entanto, a dinâmica da guerra está no centro do processo de formação da identidade colectiva e da memória: as pessoas aprendem sobre partidos, mesmo antes de aprenderem sobre política, como noutros contextos (Dinas, 2017). A estigmatização do 'outro', nomeadamente da oposição, é também

⁴⁰ Beto Massango, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

parte integrante do processo de socialização política em Manjacaze.

4.1.1. *Frelimo: 'a família'*

Terminei a primeira secção deste capítulo sublinhando que para alguns, a Frelimo é como uma família alargada, por isso tratada localmente como 'pai' e/ou 'mãe'. Mencionei que o nome 'Mondlane' também contribui para o sentimento de proximidade e ligação à Frelimo em Manjacaze. Denota-se, pois, que a Frelimo é uma instituição bastante relevante na vida política, social e económica dos habitantes de Manjacaze. As reuniões da Igreja, por exemplo, são por vezes dominadas pela política partidária, especialmente durante o período eleitoral; as reuniões do Estado também se transformam em reuniões da Frelimo e vice-versa, e, na mesma senda, ser do 'partido' é também fundamental para aceder aos serviços do Estado, contrariamente aos epitetados como 'outros', os membros da oposição, marginalizados, excluídos (cf., Chaimite, 2023). Em casa, a Frelimo é objecto de conversas frequentes, com os pais a insistirem para que os filhos respeitem a Frelimo da mesma forma que os respeitam a eles, os pais, como prova da sua boa educação.

"... quer seja difícil ou não, temos de respeitar a Frelimo. Não há escolha... os meus pais costumavam dizer que a Frelimo libertou este [país], [razão pela qual] tínhamos de a respeitar... Eu [também] digo aos meus filhos: 'têm de respeitar o partido'. Ele [o partido] é como eu, o vosso pai: nem sempre faço boas coisas, mas sou o vosso pai e têm de me respeitar... 'Se não respeitarem 'o Partido', vão dizer que o problema é do pai, que não vos eduquei como deve ser'..."⁴¹

O último interlocutor preocupa-se em salvaguardar a sua imagem no 'Partido', transmitindo assim aos seus filhos o legado que os seus pais também lhe transmitiram. Isto revela a existência de pressões internas no partido, que se transferem para os próprios agregados familiares, o que resulta do que se designa "poder por coerção antecipada": quando a acção de um indivíduo é influenciada pela ameaça da reacção coerciva de outro, mesmo que o que detém o referido poder não o mobilize sempre (Smith, 1997; Kabeer, 2006). A ameaça é interiorizada, nem sempre explícita. Os relatos de Joana Mondlane, interlocutora de 30 anos, são elucidativos.

Joana é filha de um antigo combatente da luta de libertação, o que, segundo ela, a torna 'naturalmente' membro da Frelimo: "Então [se o meu pai é da Frelimo], o que é que eu vou

⁴¹ Gumende Tair, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

fazer? Não posso trair [o meu pai] ... Eu sou da Frelimo."⁴² Explica que em criança, frequentava com a sua mãe as reuniões mensais dos antigos combatentes, no dia 20 de cada mês, mas, durante algum tempo, desistiu porque a Frelimo não cumpriu a promessa de lhe dar uma bolsa de estudo, que seria paga pelo Estado. Mais tarde, regressou, agora sob a influência da sua tia, que é quadro sénior da Frelimo:

"Quando eu era criança, a minha mãe sentava-se comigo e dizia: 'o teu pai é este [antigo combatente] ... temos de ir às reuniões do partido', e assim fazíamos. Naquela altura, naquela idade, eu só participava, não porque percebesse o que estava a fazer. Não porque [soubesse] qual era o papel [do partido] ..., mas quando se cresce numa família em que toda a gente vai à igreja, tem de se fazer o mesmo. Depois começamos a dar valor a essas coisas [quando crescemos]. ... Foi assim que percebi que a Frelimo é isto, a Frelimo é aquilo ... foi assim que a Frelimo 'entrou no meu sangue' ... Eu costumava parar mesmo no meio das pessoas e dizer... A Frelimo é isto e aquilo – essas coisas que também me diziam... Mas no fundo, eu não diria que gostava de política. Feliz ou infelizmente, a política apanhou-me e fez-me perceber as suas vantagens e desvantagens... Por exemplo, disseram-me que havia bolsas para filhos de antigos combatentes. Candidatei-me a uma dessas bolsas, mas não me deram. Apareceu esse lado obscuro, por isso deixei de ir às reuniões de combatentes... Estava desanimada ... [mas a minha tia veio ter comigo e disse-me: 'se não foi desta vez, a tua hora vai chegar de certeza', e insistiu para eu voltar às reuniões...]"⁴³

Com efeito, Joana soube da Frelimo muito antes de compreender a política. A pressão dos amigos e de outros membros da comunidade também teve impacto na sua socialização política e posterior orientação partidária, como ela refere:

"Considerando que o nosso Manjacaze é pequeno... os outros iam ver facilmente que a Joana foi [à reunião do partido], a Maria não foi... que a Joana é assim, a Maria não é então, a gente acaba indo, às vezes, por causa disso. Não porque venha daqui de dentro [apontando para o peito]. Só que isso acaba fazendo parte de ti. Tu vês a situação em que chegas e encontras lá a Maria; encontras lá a Ana... acabam por se juntar 3 a 4 pessoas, que acabam por se tornar amigas por causa dessas reuniões.... Então, mensalmente, esses novos amigos vão te lembrar que tens de ir, mesmo que não queiras... e logo aqui [em Manjacaze] que não temos nada para fazer... Isso [os eventos do partido] torna-se uma ocupação, quando não se

⁴² Joana Mondlane, Entrevista, Manjacaze, 4 de Abril de 2019.

⁴³ Ibid.

está ocupado."⁴⁴

Ela falou sobre o que acontece na sua família quando alguém deixa a Frelimo e se junta a outro partido. Deu o exemplo do seu primo que se juntou ao Movimento Democrático de Moçambique (MDM), ainda que por pouco tempo:

*"A minha mãe, o meu pai, os meus tios ... sempre disseram que se a pessoa quisesse sair [da Frelimo], era melhor afastar-se deles e sempre frisaram que onde quer que se esteja, não se pode contar com eles para nada; não vão estar nunca disponíveis, nem como família nem como outra coisa qualquer ... podes até organizar um evento, eles não vão aparecer ... por isso, caso estejas no MDM ou no PIMO [Partido Independente e Moçambique] ... eles não querem saber de ti. Eles querem a Frelimo.... E dizem 'nós estivemos na cadeia. Não é para vocês virem aqui dizer que eu estou bem com o João' [querendo dizer 'outros partidos'], então eu vou ficar com o João... fica aí! ... é isso. Nós já tivemos um primo que esteve nessa situação. Ele foi para o MDM... O pai afastou-se dele. Ele acabou voltando...."*⁴⁵

Todavia, para Joana, é difícil as pessoas da sua comunidade, incluindo ela própria, fazerem escolhas políticas diferentes, uma vez que as pressões descritas acima são uma parte intrínseca do seu processo de socialização, mas também porque para alguns, a ligação à Frelimo é uma questão de sobrevivência: "Não sei se este cenário vai mudar com o tempo. As pessoas nasceram, cresceram e estão a comer na Frelimo,"⁴⁶ acrescenta Joana. Mas as pessoas têm as suas expectativas quando se juntam à Frelimo, incluindo oportunidades de emprego para os jovens, ou no caso de pessoas mais velhas, emprego para os seus filhos. A Joana, por exemplo, esperava receber uma bolsa de estudo e ainda pensa que a Frelimo a vai ajudar nesse sentido. Gumende Tair, outro interlocutor de 58 anos, espera ser ele próprio integrado no aparelho do Estado ou, explica, se não for ele, pelo menos um dos seus filhos pode ainda beneficiar da ajuda do partido.⁴⁷ No entanto, os adultos reconhecem as dificuldades inerentes a manter a lealdade dos seus filhos à Frelimo, precisamente porque, explicam, estes últimos não têm a mesma experiência que eles, nomeadamente com a guerra, mas também porque estes acedem a outros tipos de informação fora da família. De seguida, abordo 'a questão geracional' que está implícita no apoio ao partido em Manjacaze.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Gumende Tair, Entrevista, Manjacaze, 21 de Outubro de 2019.

4.1.2. A questão geracional

A questão geracional está implícita em toda a análise do impacto da dinâmica da guerra no apoio partidário em Manjacaze. Os adultos e os idosos, que viveram a guerra, são considerados ‘os garantidos do partido’, ao contrário dos jovens, que colocam maiores desafios, tal como um dos principais responsáveis da Frelimo em Manjacaze referiu repetidamente durante a campanha para as eleições gerais de 2019: “Esses [adultos e idosos] estão garantidos. Não precisamos de gastar muito tempo com eles... eles sofreram com guerras aqui. O nosso trabalho é com as ‘crianças [referindo-se aos jovens]’.”⁴⁸ Mas mesmo sem terem vivido a guerra, todos os jovens que entrevistei puderam contar exemplos detalhados de episódios de guerra, o que mostra a eficácia do processo de socialização política. Tal como os seus pais, alguns elogiam a Frelimo por ter libertado o país e vêem-na como ‘protetora’. Alguns são ainda mais precisos, mencionando os nomes dos membros da sua família mortos durante a guerra civil. De facto, para além das “... coisas que [os jovens] ouvem”⁴⁹ dos adultos, eles têm provas concretas da guerra na forma das ruínas ainda espalhadas pelo distrito (Figura 2) e nas valas comuns em memória das vítimas do massacre de 10 de Agosto de 1987, mesmo na sede do Distrito de Manjacaze (Figura 2). Em memória do massacre, é organizada anualmente uma procissão, que termina com uma cerimónia na vala comum. É assim que as memórias da guerra se mantêm vivas, mesmo para os jovens que não conhecem os traumas da guerra.

Figura 1: Restos de um edifício destruído durante a guerra civil em Manjacaze.



⁴⁸ Obadias Guilende, Primeiro Secretário da Frelimo, Entrevista, Manjacaze, 23 de Setembro de 2019.

⁴⁹ Malita Guibande, Entrevista, 27 de Fevereiro de 2018.

Figura 2: Vala comum em memória das vítimas de um massacre em Manjacaze



Apesar do impacto das memórias de guerra nos jovens e do próprio processo de socialização política, outros factores não podem ser subestimados, uma vez que os jovens também vivem as suas próprias experiências, diferentes das dos seus progenitores, e estas também influenciam as suas orientações e escolhas políticas. Este facto é reconhecido por um pai, ele próprio um fervoroso militante da Frelimo:

*"...aqui não temos uma escola que ensine a sétima classe. As crianças abandonam a zona porque não têm escolas da oitava à décima classe... vão-se embora à procura de uma escola.... Então, falamos mesmo antes de partirem, porque vão-se embora quando têm 15 e 16 anos... [nas conversas,] dizemos que o partido é uma mãe... explicamos sobre a guerra.... Mas... eheheh [risos]... nas cidades, eles começam a ter outra visão. Eles percebem que a Frelimo não está sozinha. Existem outros partidos... eles fazem as suas escolhas [mas] nunca podem discutir isso abertamente aqui. Eles murmuram e dizem que a Frelimo os estava a enganar..."*⁵⁰

O 'pai' acima justifica o impacto relativo da socialização primária nos seus filhos com base no argumento de que estes deixam o agregado familiar cedo, alegadamente para continuarem os seus estudos. Com efeito, e independentemente do tempo que permaneçam, vale a pena reconhecer que "...as pessoas não são passivas no processo de aquisição de normas e representações..." (Nay, 2011, p. 522) e que a socialização primária, por si só, não determina completamente as suas escolhas e orientações políticas. Eles não estão apenas sujeitos a influências

⁵⁰ Elídio Chemane, Entrevista, Manjacaze, 26 de Outubro de 2019.

primárias, mas também recorrem a outros elementos para formar e informar as suas opções. O exemplo de Elídio Chemane, um estudante de vinte e dois anos que vive em Chidenguele, é ilustrativo. Começa por contar como a sua mãe e a sua avó o tentam influenciar:

"Vivo com a minha mãe e a minha avó. As duas dizem sempre que a Renamo destruiu a nossa aldeia. A minha mãe diz que a Renamo matou o pai dela e que a Frelimo nos uniu para libertar o país e trazer a independência. Eu sempre acreditei nisso, mas depois, quando cresci, comecei a analisar... olha! de vez em quando vou para Maputo [a capital do país] e lá tenho boas conversas com os meus tios e outros jovens. Uma coisa que eu descobri é que tanto a Frelimo como a Renamo, todos mataram... A Renamo não lutou sozinha, mas dizem sempre que a Renamo matou. O que é que a Frelimo estava a fazer nessa altura?" Porém, para Elídio, "esta questão da guerra, de que eles falam sempre, é assunto deles [dos adultos e dos idosos]. Os da Frelimo são ladrões. Estão a ver a questão das dívidas ocultas? Foi por isso que deixei a Frelimo e me juntei à Renamo. Eu quero as minhas coisas..."⁵¹

Outro excerto, desta vez de Rito, um jovem de vinte anos, oriundo de Chibonzane. Tal como Elídio, Rito distancia-se da Frelimo, o partido dos seus pais, afirmando que "a Frelimo não faz o que promete..." e fala da sua liberdade de escolha:

"Toda a gente na minha casa – a minha mãe e os meus irmãos – são da Frelimo. Eles fizeram campanha pela Frelimo, mas eu fiz pelo MDM. Quando me perguntaram porquê, eu disse que já sou crescido, que faço o que quero e que o voto não é obrigatório... A minha explicação para eles é que eu estava a fazer campanha pelo MDM porque queria campo de futebol, hospital, estrada e água... A Frelimo só prometeu isso, mas não cumpriu. Mudei-me em busca de melhores condições."⁵²

Os três relatos acima ilustram a centralidade da Frelimo no processo de socialização política em Manjacaze, sobretudo dos jovens. Igualmente, denota-se que as memórias de guerra são perpetuadas e continuam relevantes no referido processo de socialização política, apresentando-se a Frelimo como protetora, depois de libertadora, e a Renamo e, com ela, toda oposição, como responsável por um conjunto de atrocidades cometidas durante a guerra civil. Durante a socialização há ainda a ocorrência do 'poder por coerção antecipada', ou seja, coerção interiorizada e reproduzida nas famílias, na igreja, na escola e outros agentes relevantes, incluindo a própria Frelimo, ela mesma apresentada como 'a família.'

⁵¹ Elídio Chemane, Entrevista, Manjacaze, 26 de Outubro de 2019.

⁵² Rito Brito, Intervenção na Discussão do Grupo Focal (DGF) com os jovens de Cambane, Manjacaze, 2 de Novembro de 2019.

Dessa coerção, mas também da experiência vivida pelos mais adultos, incluindo das guerras, também transmitidas às novas gerações, resulta parte do apoio, tanto por identificação como por defeito. Há, contudo, que salientar que, do próprio processo de socialização, mesmo com o poder por coerção antecipada, não resultam automaticamente jovens que se identificam ou distanciam de determinados partidos necessariamente pelas mesmas razões que os adultos, com quem se socializam. Pelo contrário, há exemplos que mostram tendências opostas, sendo o caso do Rito, o último interlocutor evocado acima, apenas ilustrativo de como, sobretudo, os jovens optam por orientações políticas distintas das dos seus próprios familiares. De Seguida, dando continuidade à reflexão sobre o impacto das dinâmicas da guerra na orientação partidária, em jeito de conclusão, abordo a questão da estruturação do campo político em Manjacaze.

5. Notas conclusivas: Um campo político ainda minado?

Uma das principais constatações deste *Cadernos* é de que as memórias e imagens de guerras estão ainda bem presentes no imaginário dos cidadãos e eleitores de Manjacaze. Existem ruínas e valas comuns para reavivarem a imagem das atrocidades das guerras nos que a viveram, mas, para os mais novos, para além dessas imagens, o imaginário de destruição e, com ela, a identificação dos responsáveis por ela, é uma construção, que inclui a partilha de episódios e histórias sobre as guerras, num processo de socialização política em casa, na comunidade, com e dentro da Frelimo. Como resultado, à semelhança dos mais adultos, alguns jovens também se distanciam da Renamo e da oposição, a quem consideram responsáveis pelas atrocidades da guerra, apoiando assim a Frelimo, por defeito.

Assim, pode-se falar de uma contínua militarização do campo político em Manjacaze, no sentido de (Bourdieu, 1989): “a militarização consiste em basear a autoridade na situação de guerra enfrentada pela organização e que pode ser produzida por um trabalho de representação da situação, para produzir e reproduzir continuamente o *medo de ser contra*, fundamento último de todas as disciplinas militantes e militares.” Por campo político, por sua vez, entende-se uma arena, um lugar “... de poder [que,] como campo de lutas ... visa transformar a relação de poder que dá estrutura a esse campo num determinado momento” (ibid.). No entanto, a estrutura do campo político é “[o] estado de equilíbrio de poder entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta... cujas formas específicas devem ser sempre enfrentadas entre o recém-chegado, que tenta quebrar as barreiras do direito de entrada, e o dominante, que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (Ibid., 1984, p. 113-114). Neste sentido, apesar da bipolarização que, por muito tempo, marcou o campo político nacional (Brito 1995; Lundin 1995), a favor da Frelimo e da Renamo, ex-belligerantes, relativamente atenuado com a entrada em cena do MDM em 2009, em Manjacaze esta bipolarização é apenas a nível do discurso. Na prática, o campo político de Manjacaze é dominado por um único partido, como também ilustram os resultados eleitorais apresentados na secção 2. A guerra, no entanto, é um elemento estruturante do campo político de Manjacaze, mas esta última constatação é válida também para toda a Província de Gaza e outras partes do país, e os fundamentos remetem, novamente, à questão da militarização do próprio campo político.

Sendo a Frelimo e a Renamo partidos com passado militar (cf., também Alexander, 1997), estes evocam constantemente esse passado para reforçar a legitimidade de uns e deslegitimar outros (Alexander, 1997; Macamo, 2017; Pearce, 2020), uma “legitimidade histórica” (Macamo, 2017, p. 205), que procuram preservar, remetendo sempre para a dinâmica das guerras, como se demonstrou nas seções precedentes. De facto, algumas pessoas ainda

temem um possível regresso à guerra:

*"Eu também vivi a guerra [civil] e ainda estou a sofrer por causa deles [da Renamo]. O país [ou seja, 'o Governo'] diz que eles [guerrilheiros da Renamo] são os responsáveis. Então, como é que eles conseguem chegar até aqui para mobilizar? Eles não podem entrar aqui. Nós também não queremos problemas com a Frelimo... pode haver conflitos entre partidos, e nós sabemos isso. Aqui temos de ser um só [ou seja, a Frelimo] ... só a Frelimo."*⁵³

O Senhor Gumende Tair, que referencio acima, é intolerante para com a Renamo e os outros partidos da oposição. Isto também se deve ao medo, que deriva igualmente do controlo político que a Frelimo tem sobre ele e outras pessoas em Manjacaze. Ele interiorizou esse medo na sua própria socialização e, igualmente, reproduz na socialização dos seus próprios filhos, mas também em outros contextos onde se encontra inserido, num processo que abordei como parte do "poder por coerção antecipada," ou seja, quando a ação de um indivíduo é influenciada pela ameaça da reação coerciva de outro, mesmo que o que detém o referido poder não o mobilize sempre. Por medo, Tair, tal como outros interlocutores abordados, exprime abertamente a sua aversão ao multipartidarismo quando diz: "aqui temos de ser um só [partido]" e explica: "não queremos problemas com a Frelimo". O medo está também explícito no discurso de Mateus Mbila, de Mungoi, em Chidenguele: "O povo está farto de guerra. O discurso de guerra é usado para mobilizar e desmobilizar as pessoas, e muita gente tem medo. É por isso que mantêm esta ideia de um pai... votam na continuidade... [porque] dizem 'não se pode mudar de pai... A Frelimo é um pai porque protegeu a população [na guerra civil]".⁵⁴ No entanto, distanciar-se da oposição, ou mostrar intolerância para com ela, não significa não reconhecer as suas virtudes. Alguns reconhecem, mas os fatores que os aproximam da Frelimo obrigam-nos a distanciarem-se dessa oposição, com destaque para a Renamo que responsabilizam pelas atrocidades cometidas durante a guerra civil: "Nem tudo o que a Renamo diz é errado. Há uma lógica por detrás do que eles dizem, mas não queremos saber, aqui. Com razão ou sem ela, *baza baza* [sai daqui, sai daqui] ...!"⁵⁵

Concluo destacando dois aspetos: o primeiro, a relembrar, é sobre o apoio por identificação e por defeito, principal objeto desta análise. Há, sim, identificação dos cidadãos e, sobretudo, eleitores de Manjacaze com a Frelimo, mas parte do apoio que expressam é também por defeito. Diferentemente do apoio por identificação, que implica um "vínculo afetivo ou

⁵³ Gumende Tair, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

⁵⁴ Mateus Mbila, Entrevista, Manjacaze, 26 de Outubro de 2019.

⁵⁵ Beto Massango, Entrevista, Manjacaze, 25 de Outubro de 2019.

sentimento de lealdade" (Green and Baltes, 2017, p.3), o apoio por defeito, especificamente em Manjacaze, deriva da oposição à oposição, que associam à Renamo, a quem atribuem a responsabilidade pelas atrocidades cometidas durante a guerra civil. Trata-se, pois, de apoio por negação, que (Ramelet, 2020) também identifica noutros contextos e aborda como partidarismo por negação (*negative partisanship*). O segundo aspeto, associado ao anterior, é a constatação de que, tal como no período imediatamente posterior á independência do país, a guerra hoje está bastante presente no campo político moçambicano, corroborando com a célebre frase do estratega militar prussiano, Carl Von Clausewitz, segundo a qual a guerra é a continuação da política por outros meios. O campo político do país continua minado pelo espectro de guerra, do qual deriva o medo e a intolerância política prevalentes.

Bibliografia

Abrahamsson, H. and Nilsson, A. (1995). *Mozambique: the troubled transition: from socialist construction to free market capitalism*. London: Zed Books.

Alexander, J. (1997). 'The local state in post-war Mozambique: political practice and ideas about authority', *Africa* (London. 1928), 67(1), pp. 1–26. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1161268>.

Bertelsen, B.E. (2016). *Violent Becomings*. Berghahn Books (State Formation, Sociality, and Power in Mozambique), pp. 26–55. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv8bt1ff.12>.

Bourdieu, P. (1989). 'Social Space and Symbolic Power', *Sociological Theory*, 7(1), pp. 14–25. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/202060>.

Braud, P. (2011). *Sociologie Politique*. Lextenso éditions: Paris.

Brito, L. de (1988). 'Une relecture necessaire: la genese du parti-Etat Frelimo', *Politique Africaine*, pp. 15–27.

Brito, L. de (1991). *Le Frelimo et la Construction de l'État National au Mozambique. Le sens de la référence au Marxisme (1962 – 1963)*. Thèse de doctorat. Université de Paris VIII.

Brito, L. de (1995). 'O Comportamento eleitoral nas primeiras eleições multipartidrias de Moçambique', in B. Mazula (ed.) *Moçambique: Eleições, Democracia e Desenvolvimento*. Maputo: Elo Grafico, pp. 473–499.

Brito, L. de (2007). "A democracia à prova das urnas: elementos para um programa de pesquisa sobre a abstenção eleitoral em Moçambique". Disponível em: http://www.iese.ac.mz/lib/publication/Brito,Luis%20de_ADemocraciaAProvaDasUrnas.pdf.

Brito, L. de (2013). 'Breve reflexão sobre autarquias, eleições e democratização', in L. de Brito et al. (eds) *Desafios para Moçambique 2013*. Maputo: IESE, pp. 23–37. Disponível em: <https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/05/>

Brito, L. de (2016). *2014 – Um inquérito sobre a abstenção*. Maputo: IESE (Relatório de Investigação, 5).

Brito, L. de (2020). *A Frelimo, o Marxismo e a Construção do Estado Nacional 1962-1983*. Maputo: IESE.

Cahen, M. (1990). *Mozambique : Analyse politique de conjoncture*. Paris: indigo Publications.

Campbell, A. et al. (1960). *The American voter*. Wiley.

Chaimite, E. (2023). *Negotiating Authoritarianism in Manjacaze, Mozambique: Between Frelimo's Strategies and People's Tactics*. PhD Thesis. Institute of Development Studies (University of Sussex).

Chaimite, E. and Forquilha, S. (2015). *Afinal nem todos votam em Manjacaze*. Maputo: IESE (Relatório de Investigação, 3).

Dinas, E. (2017). *The Evolving Role of Partisanship*. (Vols. 1-2). Berlim: SAGE Publications. Available at: <https://doi.org/10.4135/9781473957978>.

Downs, A. (1957). *An economic theory of democracy*. New York: Harper and Row.

Fauvet, P. (1984). 'Roots of Counter - Revolution: The Mozambique National Resistance', *Review of African Political Economy*, 11(29), pp. 108–121.

Fiorina, M.P. (1981). *Retrospective voting in American national elections*. Yale U.P.

Francisco, A. (2008.) *Sem surpresas: abstenção continua maior força política na reserva em Moçambique... Até Quando?* Maputo: IESE (Boletim IDeIAS, 6).

Geffray, C. (1990). *La cause des armes au Mozambique - Anthropologie d une guerre civile*. Paris: Karthala.

Green, D. and Baltes, S. (2017). *Party Identification: Meaning and Measurement*. (Vols. 1-2). Thousand Oaks: SAGE Publications. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781473957978>.

Greenstein, F.I. (1969). *Children and politics*. Rev ed. New Haven: Yale U.P. (Yale Studies in Political Science ; 13).

Hagmann, T. and Péclard, D. (2010). 'Negotiating Statehood: Dynamics of Power and Domination in Africa', *Development and Change*, 41(4), pp. 539–562. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2010.01656.x>.

INE (1998). *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida 1996/97. Relatório Final*. Maputo: INE.

INE (2010). Projeções anuais da população total das Províncias e distritos 2007-2040. Maputo: IESE.

INE (2013). Estatísticas do Distrito de Manjacaze- Dingane. Maputo: INE.

INE (2017). IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017- Resultados definitivos. Moçambique. Maputo: INE.

Kabeer, N. (2006). 'Citizenship, Affiliation and Exclusion: Perspectives from the South', *IDS Bulletin*, 37(4), pp. 91–101.

Key, V.O. (1967). *The responsible electorate: rationality in presidential voting*. Cambridge: Harvard University Press.

Liesegang, G. (1986). *A Figura de Ngungunyane Nqumaio, Rei de Gaza (1884-1885) e o Desaparecimento do seu Estado*. Maputo: Arquivo do Património Cultural.

Liesegang, G. (2012). "Dzovo e os seus descendentes: a história da família de Eduardo Mondlane ca. 1800-1945 na zona de Khambani e Mandlakazi: alguns problemas de investigação local", in *Cadernos de História de Moçambique*. Maputo: UEM, pp. 1–24. Disponível em: www.flcs.uem.mz/images/chist/GLiesegangCdhM20121.pdf.

Lundin, I.B. (1995). "Partidos Políticos: a leitura da vertente etnico regional do processo democrático", in B. Mazula (ed.) *Moçambique : Eleições, Democracia e Desenvolvimento*. Maputo: Elo Grafico, pp. 423–472.

Macamo, E. (2017). 'Power, conflict, and citizenship: Mozambique's contemporary struggles', *Citizenship studies*, 21(2), pp. 196–209. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13621025.2017.1279796>.

MAE (2005). *Perfil do Distrito de Manjacaze -Provincia de Gaza*. Maputo: MAE (Perfis Distritais).

MAE (2008). *Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito de Manjacaze*. Maputo: MAE.

Maquenzi, J. (2021). *Pobreza e Desigualdades em Moçambique: um estudo de caso em seis distitos*. Maputo: OMR (Observador Rural, 113).

McIntosh, H. and Youniss, J. (2010). 'Toward a Political Theory of Political Socialization of Youth', in *Handbook of Research on Civic Engagement in Youth*. London: John Wiley & Sons, Ltd, pp. 23–41.

Miller, W.E. and Shanks, J. (1996). *The new American voter*. Cambridge, Mass. ; Harvard University Press.

Morier-Genoud, E., Cahen, M. and Rosario, D. do (eds) (2018). *The War Within: New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992*. Woodbridge: Boydell & Brewer.

Nay, O. (2011). "Lexique de Science Politique: vie et institutions politiques". Paris: Dalloz.

Notícias, 23 de Junho de 1975.

Nuvunga, A. (2013). 'A política de eleições em Moçambique: experiências de Angoche e Ni-coadala', in L. de Brito et al. (eds) *Desafios para Mocambique 2013*. Maputo: IESE, pp. 39–54.

Nuvunga, A. (2014). "From the two-party to the dominant party system in Mozambique, 1994-2012. Framing Frelimo party dominance in context". PHD thesis. Erasmus University of Rotterdam.

Orre, A. (2010). "Entrenching the Party-State in the Multiparty Era: Opposition parties, traditional authorities and new councils of local representatives in Angola and Mozambique". PhD Thesis. University of Bergen.

Pearce, J. (2020). 'History, legitimacy, and Renamo's return to arms in central Mozambique', *Africa* (London. 1928), 90(4), pp. 774–795. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0001972020000315>.

Ramelet, L. (2020). 'Why Voting Does Not Imply Consenting', *Frontiers in Political Science*, 2. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpos.2020.00005>.

Ribeiro, F.B. (2005). 'A invenção dos heróis: nação, história e discursos de identidade em Moçambique', *Etnográfica*, IX(2), pp. 257–275.

Roesch, O. (1992). 'RENAMO and peasantry in Southern Mozambique: a view from Gaza province', *Canadian Journal of African Studies*, 26(3), pp. 462–484.

Sapiro, V. (2004). 'Not Your Parents' Political Socialization: Introduction for a New Generation', *Annual Review of Political Science*, 7(1), pp. 1–23. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.7.012003.104840>.

Smith, A.G. (1997). *Human Rights and Choice in Poverty. Food Insecurity, Dependency and Human Rights-based Development Aid for the Third World Rural Poor*. Connecticut: Praeger Publishers.

Sumich, J. (2010). 'The Party and the State: Frelimo and Social Stratification in Post-socialist Mozambique', *Development and change*, 41(4), pp. 679–698. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2010.01653.x>.

Publicações do IESE

Livros

A Frelimo, o Marxismo e a construção do Estado Nacional 1962-1983 (2020)

Luís de Brito (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/03/livro_LB.pdf

Agora eles têm medo de nós! – Uma colectânea de textos sobre as revoltas populares em Moçambique (2008–2012) (2017)

Luís de Brito (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/IESE-Food-Riot.pdf>

Economia, recursos naturais, pobreza e política em Moçambique – Uma colectânea de textos (2017)

Luís de Brito e Fernanda Massarongo (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Coleta_nea_de_IDeIAS_-_Livro.pdf

Emprego e transformação económica e social em Moçambique (2017)

Rosimina Ali, Carlos Nuno Castel-Branco e Carlos Muianga (organizadores)

IESE: Maputo

http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Emprego_e_Transf_Econ_Social_-_Livro.pdf

Political economy of decentralisation in Mozambique: dynamics, outcomes, challenges (2017)

Bernahard Weimer with João Carrilho

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Political_Economy_of_Decentralisation_-_Livro.pdf

A economia política da descentralização em Moçambique: dinâmicas, efeitos, desafios (2017)

Bernahard Weimer e João Carrilho

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/01/IESe-economia-politica.pdf>

Questões sobre o desenvolvimento produtivo em Moçambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/IESE_FAN_PT.pdf

Questions on productive development in Mozambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga (editors)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/IESE_FAN_PT.pdf

Moçambique: Descentralizar o Centralismo? Economia Política, Recursos e Resultados. (2012)

Bernhard Weimer (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/Descent/IESE_Decimalizacao.pdf

A Mamba e o Dragão: Relações Moçambique-China em Perspectiva. (2012)

Sérgio Chichava e C. Alden (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/MozChin/IESE_Mozam-China.pdf

Desafios para Moçambique 2021. (2021)

José Jaime Macuane e Moisés Siúta (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/12/Desafios-2021_iese.pdf

Desafios para Moçambique 2020. (2020)

Salvador Forquilha (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/desafios-para-mocambique-2020-artigos/>

Desafios para Moçambique 2019. (2019)

Sérgio Chichava (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Desafios2019.pdf>

Desafios para Moçambique 2018. (2018)

Salvador Forquilha (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/05/Livrol_DesafiosMoc2018.pdf

Desafios para Moçambique 2017. (2017)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e

Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/05/Desafios2017.pdf>

Desafios para Moçambique 2016. (2016)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/04/Desafios2016.pdf>

Desafios para Moçambique 2015. (2015)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2015/IESE-Desafios2015.pdf>

Desafios para Moçambique 2014. (2014)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014.pdf>

Desafios para Moçambique 2013. (2013)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//livros/des2013/IESE_Des2013.pdf

Desafios para Moçambique 2012. (2012)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2012/IESE_Des2012.pdf

Desafios para Moçambique 2011. (2011)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2011/IESE_Des2011.pdf

Desafios para Moçambique 2010. (2009)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2010/IESE_Des2010.pdf

Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/economia/IESE_Economia.pdf

Proteção social: abordagens, desafios e experiências para Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/protecao/IESE_ProteccaoSocial.pdf

Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo.
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/pobreza/IESE_Pobreza.pdf

Cidadania e Governação em Moçambique – comunicações apresentadas na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/cidadania/IESE_Cidadania.pdf

Reflecting on economic questions – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)
IESE: Maputo
https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/ref/IESE_QEcon.pdf

Southern Africa and Challenges for Mozambique – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/South/IESE_South.pdf

Governança em Moçambique: Recursos para Monitoria e Advocacia (2012) Projeto de Desenvolvimento de um Sistema de Documentação e de Partilha de Informação, IESE

IESE: Maputo

Monitoria e Advocacia da Governança com base no Orçamento de Estado: Manual de Formação (2012)

Zaqueo Sande (Adaptação)

IESE: Maputo

Pequeno Guia de Inquérito por Questionário (2012)

Luís de Brito

IESE: Maputo

Envelhecer em Moçambique: Dinâmicas do Bem-Estar e da Pobreza (2013)

António Francisco, Gustavo Sugahara e Peter Fisker

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/IESE_DinPob.pdf

Growing old in Mozambique: Dynamics of well-being and Poverty (2013)

António Francisco, Gustavo Sugahara e Peter Fisker

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/IESE_DynPov.pdf

Cadernos IESE

(Artigos produzidos por investigadores permanentes e associados do IESE. Esta colecção substitui as séries “Working Papers” e “Discussion Papers”, que foram descontinuadas)

Cadernos IESE Nº 24E: ACritical issue on Social Accountability in Mozambique. (2022)

Salvador Forquilha e Euclides Gonçalves

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/Cadernos-21_EricM-G.pdf

Cadernos IESE Nº 23P: Filipe Nyusi: um terceiro mandato é possível? (2021)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/Cadernos-21_EricM-G.pdf

Cadernos IESE Nº 22E: Navigating Civic Space in a Time of COVID-19: The case of Mozambique. (2021)

Crescêncio Pereira, Salvador Forquilha e Alex Shankland

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/10/CadernosIESE-22-eng.pdf>

Cadernos IESE Nº 21P: A Insurgência Jihadi em Moçambique: Origens, Natureza e Início. (2021)

Eric Morier-Genoud

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/Cadernos-21_EricM-G.pdf

Cadernos IESE Nº 20P: Com quem podemos contar? Autoridade, Empoderamento e Responsabilização em Moçambique. (2021)

Egídio Chaimite, Salvador Forquilha e Alex Shankland

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/02/CadernosIESE-20_ECSFAS-2021.pdf

Cadernos IESE nº 19P: Vampiros, Jihadistas e Violência Estrutural em Moçambique: Reflexões sobre Manifestações Violentas de Descontentamento Local e as suas Implicações para a Construção da Paz. (2020)

Bernhard Weimer

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Cadernos IESE nº 18E: A Frelimo criou o "Al Shabaab?" Uma análise às eleições de 15 partir de Cabo Delgado. (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Cadernos IESE nº 18E: Did Frelimo create "Al Shabaab"? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado. (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/09/CadernosIESE-18_SChichava.pdf

Cadernos IESE nº 17E: Islamic radicalization in northern Mozambique. The case of Mocímboa da Praia. (2019)

Salvador Forquilha, João Pereira & Saíde Habibe

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/cadernos_17eng.pdf

Cadernos IESE nº 17P: Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: o caso de Moçímboa da Praia. (2019)

Salvador Forquilha, João Pereira & Saíde Habibe

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/09/cadernos_17.pdf

Cadernos IESE nº 16: A cobertura da China na imprensa moçambicana: Repercussões para o soft power chinês. (2015)

Sérgio Chichava, Lara Côrtes & Aslak Orre

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad16.PDF

Cadernos IESE nº 15: Plágio em Cinco Universidades de Moçambique: Amplitude, Técnicas de Detecção e Medidas de Controlo. (2015)

Peter E. Coughlin

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad15.pdf

Cadernos IESE nº 14P: Revoltas da Fome: Protestos Populares em Moçambique

Luís de Brito, Egídio Chaimite, Crescêncio Pereira, Lúcio Posse, Michael Sambo e Alex Shankland

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad14.pdf

Cadernos IESE nº 13E: Participatory Budgeting in a Competitive-Authoritarian Regime: A Case Study (Maputo, Mozambique). (2014)

William R. Nylén

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad13_Eng.pdf

Cadernos IESE nº 13P: O orçamento participativo num regime autoritário competitivo: um estudo de caso (Maputo, Moçambique). (2014)

William R. Nylén

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad13_Port.pdf

Cadernos IESE nº 12E: The Expansion of Sugar Production and the Well-Being of Agricultural Workers and Rural Communities in Xinavane and Magude. (2013)

Bridget O'Laughlin e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_12e.pdf

Cadernos IESE nº 12P: A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude. (2013)

Bridget O'Laughlin e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_12p.pdf

Cadernos IESE nº 11: Proteção Social no Contexto da Transição Demográfica Moçambicana. (2011)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_11_AFrancisco.pdf

Cadernos IESE nº 10: Proteção Social Financeira e Demográfica em Moçambique: oportunidades e desafios para uma segurança humana digna. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_10_AFRA.pdf

Cadernos IESE nº 9: Can Donors 'Buy' Better Governance? The political economy of budget reforms in Mozambique. (2011)

Paolo de Renzio

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_09_PRenzio.pdf

Cadernos IESE nº 8: Desafios da Mobilização de Recursos Domésticos – Revisão crítica do debate. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_08_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 7: Dependência de Ajuda Externa, Acumulação e Ownership. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_07_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 6: Enquadramento Demográfico da Proteção Social em Moçambique. (2011)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_06_AF.pdf

Cadernos IESE nº 5: Estender a Cobertura da Proteção Social num Contexto de Alta Informalidade da Economia: necessário, desejável e possível? (2011)

Nuno Cunha e Ian Orton

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_05_Nuno_Ian.pdf

Cadernos IESE nº 4: Questions of health and inequality in Mozambique. (2010)

Bridget O'Laughlin

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_04_Bridget.pdf

Cadernos IESE nº 3: Pobreza, Riqueza e Dependência em Moçambique: a propósito do lançamento de três livros do IESE. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_03_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 2: Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na Democracia moçambicana? (2010)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_02_SC.pdf

Cadernos IESE nº 1: Economia Extractiva e desafios de industrialização em Moçambique. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_01_CNCB.pdf

Working Papers

(Artigos em processo de edição para publicação. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

WP nº 1: Aid Dependency and Development: a Question of Ownership? A Critical View. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/AidDevelopmentOwnership.pdf>

Discussion Papers

(Artigos em processo de edição para publicação. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

DP nº 6: Recursos naturais, meio ambiente e crescimento económico sustentável em Moçambique. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/DP_2009/DP_06.pdf

DP nº 5: Mozambique and China: from politics to business. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf

DP nº 4: Uma Nota sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique. (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_04_Uma_Nota_Sobre_o_Voto_Abstencao_e_Fraude_em_Mocambique.pdf

DP nº 3: Desafios do Desenvolvimento Rural em Moçambique. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_03_2008_Desafios_DesenvRural_Mocambique.pdf

DP nº 2: Notas de Reflexão sobre a “Revolução Verde”, contributo para um debate. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/Discussion_Paper2_Revolucao_Verde.pdf

DP nº 1: Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf

Boletim IDeIAS

(Boletim que divulga resumos e conclusões de trabalhos de investigação)

IDeIAS_Nº154P – Quando as autoridades locais fracassam: O caso do reassentamento na comunidade de Mualadzi, no distrito de Moatize, província de Tete

Autor: Gerson Bacar Selemane

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/08/Ideias-154P-GS.pdf>

IDeIAS_Nº153P – Algumas notas sobre a emancipação “das mulheres” em Moçambique: questionando o lugar “das mulheres” nesta luta

Autor: Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/07/Ideias-153P_LP.pdf

IDeIAS_ Nº152E – Muamudo Saha and the “holy” war against “the pigs”: the initial stage of the insurgency in Cabo Delgado

Autor: Sérgio Chichava

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/05/Ideias-152E-SC.pdf>

IDeIAS_ Nº152P – Muamudo Saha e a guerra “santa” contra os “porcos”: a fase inicial da insurgência em Cabo Delgado

Autor: Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/05/Ideias-152P_SC.pdf

IDeIAS_ Nº151P – Jorginho: breve história de um jovem makonde muçulmano do AI Shabaab

Autor: Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/03/Ideias-150P_JR.pdf

IDeIAS_ Nº150P – Reassentamentos mais decentes? As lições de Tete

Autor: Janne Rantala

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2023/03/Ideias-150P_JR.pdf

IDeIAS_ Nº149P – Mineração de ouro artesanal: de operações clandestinas para uma contribuição para o desenvolvimento local?

Autores: Janne Rantala e Talassamo Ali

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/12/Ideias-149P-JR_TA.pdf

IDeIAS_ Nº148P – “Acesso restrito”: zonas encerradas devido à mineração

(Cabo Delgado) e à conservação (Sofala)

Autor: Janne Rantala

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/10/Ideias-148P-JR.pdf>

IDeIAS_ Nº147P – Maulana Ali Cassimo: insurgência no norte de Moçambique vista do Niassa

Autor: Sérgio Chichava

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/03/ideias-147P-SC-1.pdf>

IDeIAS_ Nº146P – Algumas notas sobre a acção cívica no contexto da COVID-19 em Moçambique

Autores: Crescencio Pereira, Salvador Forquilha e Alex Shankland

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/01/ideias-146P-CP-SF-AS.pdf>

IDeIAS_Nº145P – Revisitar o espaço cívico moçambicano em tempo de crise

Autores: Crescencio Pereira, Salvador Forquilha e Alex Shankland

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/11/ideias-145P.pdf>

IDeIAS_Nº147E – Maulana Ali Cassimo: insurgence in the North of Mozambique as seen from Niassa

Autor: Sérgio Chichava

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/03/ideias-147E-SC-1.pdf>

IDeIAS_Nº147P – Maulana Ali Cassimo: insurgência no norte de Moçambique vista do Niassa

Autor: Sérgio Chichava

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2022/03/ideias-147P-SC-1.pdf>

IDeIAS_Nº146P – Algumas notas sobre a acção cívica no contexto da COVID-19 em Moçambique

Autores: Crescencio Pereira, Salvador Forquilha e Alex Shankland

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/07/ideias-144_JF_JM-port.pdf

IDeIAS_Nº145P – Revisitar o espaço cívico moçambicano em tempo de crise

Autores: Crescencio Pereira, Salvador Forquilha e Alex Shankland

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/11/ideias-145P.pdf>

IDeIAS_Nº144P – Gerir um problema institucional, para prevenir um conflito social: reflexão sobre a violência de populares contra agentes da polícia

Autores: João Feijó e Jerry Maquenzi

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/07/ideias-144_JF_JM-port.pdf

IDeIAS_Nº143P – Haverá eleição de administradores distritais em 2024? Atribuições funcionais na governação local

Autor: Egídio Guambe

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/07/ideias-143_EG-port.pdf

IDeIAS_Nº142E – Agrarian transformation in Northern Mozambique: a “new” dimension of research in light of the conflict and violence in Cabo Delgado

Autor: Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/06/ideias-142_CM-eng.pdf

IDeIAS_Nº142P – Transformação agrária no norte de Moçambique: uma “nova” dimensão de pesquisa à luz do conflito e violência em Cabo Delgado

Autor: Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/06/ideias-142_CM-port.pdf

IDeIAS_Nº141 – Xai-Xai: devolução versus desconcentração – interferência e conflito entre os governos locais

Autor: Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/05/ideias-141_LP.pdf

IDeIAS_Nº140 – COVID-19 e custo de vida: o que o princípio de equilíbrio de mercado revela sobre a eficácia das medidas de resposta ao contexto de crise em Moçambique?

Autor: Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/04/ideias-140_MS.pdf

IDeIAS_Nº139P – Vale do Limpopo e a criação da “Primeira Zona Económica Especial Agrícola” em Moçambique

Autor: Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/ideias139P_CM.pdf

IDeIAS_Nº138E – After all, it is not just Cabo Delgado! Insurgency dynamics in Nam-pula and Niassa

Autores: Salvador Forquilha e João Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/ideias-138_SFJP-ENG.pdf

IDeIAS_Nº138P – Afinal, não é só Cabo Delgado! Dinâmicas da insurgência em Nam-pula e Niassa

Autores: Salvador Forquilha e João Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/ideias-138_SFJP.pdf

Nº 137: *Protecção social em contexto de terrorismo: que implicações tem a insurgência islâmica nos mecanismos formais de protecção social em Moçambique? (2021)*

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/01/ideias-137_MS.pdf

Nº 136: *IDeIAS_Nº136 – Perspectiva económica do Fundo Soberano e principais desafios do sistema de gestão das finanças públicas em Moçambique (202)*

Moisés Siúta, Yasfir Ibraimo e Carlos Muianga

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/12/ideias-136-CMYIMS.pdf>

Nº 135P: *Did Frelimo create "Al Shabaab"? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado (2020)*

Carlos Muianga, Moisés Siúta e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosISE-18-SC_eng.pdf

Nº 134E: *Did Frelimo create "Al Shabaab"? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado (2020)*

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosISE-18-SC_eng.pdf

Nº 134P: *As primeiras caras do "Al Shabaab" em Cabo Delgado: o caso de André Idrissa em Cogolo (2020)*

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/09/ideias-134p_SC.pdf

Nº 133: *Os imaginários dos 'intermediários' à volta da COVID-19 em Moçambique (2020)*

Lúcio Posse e Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/07/ideias_133-LPEC.pdf

Nº 132: *COVID-19 e a "Sociedade de Risco": uma reflexão a partir do contexto moçambicano (2020)*

Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-132_LP.pdf

Nº 131: *Moçambique e a COVID-19: mecanismos externos de transmissão do seu impacto económico (2020)*

Michael Sambo e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-131_MSMSi.pdf

Nº 130P: *Face ao conflito no Norte, o que Moçambique pode aprender da sua própria guerra civil (1976-1992)? Uma análise das dinâmicas da insurgência em Cabo Delgado (2020)*

Salvador Forquilha e João Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-130_SFJP.pdf

Nº 129: *Os primeiros sinais do "Al Shabaab" em Cabo Delgado: algumas histórias de Macomia e Ancuabe (2020)*

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-129_SC.pdf

Nº 128: *Campanhas de prevenção da COVI – 19 em Moçambique: alguns desafios para o setor dos media (2020)*

Crescêncio B. G. Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias_128-CP.pdf

Nº 127E: *Who is “the enemy” attacking Cabo Delgado? Short presentation of the hypotheses of the Mozambican Government (2020)*

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-127e_SC.pdf

Nº 127P: *Quem é o “inimigo” que ataca Cabo Delgado? Breve apresentação das hipóteses do governo moçambicano (2020)*

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-127_SC.pdf

Nº 126: *A economia de Moçambique e a COVID-19: reflexões à volta das recentes medidas de política monetária anunciadas pelo Banco de Moçambique (2020)*

Yasfir Ibraimo e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-126_YICM.pdf

Nº 125: *O trabalho e a proteção social num contexto do Estado de Emergência em Moçambique (2020)*

Ruth Castel-Branco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-125-RC-B.pdf>

Nº 124: *COVID-19 em Moçambique: dimensões e possíveis impactos (2020)*

Moisés Siúta e Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-124_MSIMS.pdf

Nº 123 – *Participação cidadã, corrupção e serviços: algumas notas a partir do município de Tete (2019)*

Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/ideias-123_LP.pdf

Nº 122 – *A prevalência e concentração do investimento directo chinês em Moçambi-*

que: será que importa? (2019)

Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-122_MS.pdf

Nº 121E – Work in the agro-industry livelihoods and social reproduction in Mozambique: beyond job creation (2019)

Rosimina Ali and Sara Stevano

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-121e_RA.pdf

Nº 120 – A hipótese do ciclo de vida do consumo e a poupança em Moçambique: porquê poupamos tão pouco? (2019)

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-120_MS.pdf

Nº 119 – Decisões de investimento para a exploração de gás e os limites do “realismo” sobre o “progresso dos moçambicanos” (2019)

Carlos Muianga

http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/Ideias-119_CM.pdf

Nº 118 – Principais desafios da proteção social em Moçambique (2019)

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/Ideias-118_MS.pdf

Nº 117E – Working in the Agro- Industry in Mozambique: can these jobs lift workers out of poverty? (2019)

Sara Stevano e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/ideias-117_RA.pdf

Nº 116 - Conflito de terra e relações de poder ao nível da base no município de Lichinga 2014 – 2018 (2019)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/10/ideias-116-BA.pdf>

Nº 115E - If statistics don't lie, why are there those who dare to use them to manipulate elections? (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/07/ideias-115e-AF.pdf>

Nº 115P - Se a estatística não mente, porque há quem teime em usá-la para manipular o processo eleitoral? (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/07/ideias-115_af.pdf

Nº 114 - Elementos para um perfil dos abstencionistas nas eleições autárquicas de 2013 e 2018 (2019)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias-114_LB.pdf

Nº 113E - Statistics don't lie, but there are those who use them to lie shamelessly: The Example of Electoral Estimates in Mozambique (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias113e-AF.pdf>

Nº 113P - A Estatística não Mente, mas Há Quem a Use Para Mentir Sem Pudor: O Exemplo das Estimativas Eleitorais em Moçambique (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias113p-AF.pdf>

Nº 112 - Desempenho eleitoral do MDM e seus dissidentes nas eleições autárquicas de 2013 e 2018 (2019)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/05/ideias-112_SC.pdf

Nº 111 - Corrupção e suas implicações na governação local: o caso da autarquia de Lichinga (2014 – 2018) (2019)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/04/ideias-n-111-BA.pdf>

Nº 110 - MARROMEU: Falhanço Eleitoral numa Competição Política (2019)

Crescêncio B.G. Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/03/ideias-110_CP.pdf

Nº 109E - Four years of Nyusi's governance: Between growth and degeneration (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/04/ideias-109e_af.pdf

Nº 109P – Quatro anos de governação Nyusi: Entre crescimento e abastardamento (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/01/ideias_109-af.pdf

Nº 108 – A questão da terra e opções de transformação agrária e rural em Moçambique: algumas notas para debate (2018)

Carlos Muianga

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-108-cm.pdf>

Nº 107P – O Perigo da Armadilha da Desorçamentação em Moçambique (2018)

António Francisco

<http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-107-AF-part2.pdf>

Nº 107E – The danger of denying the trap of debudgetisation (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-107-AF-part-en.pdf>

Nº 106E – Debudgetisation in Mozambique: shortage of resources and of budgetary responsibility (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-106-AF-part1-en.pdf>

Nº 106P – Desorçamentação em Moçambique: Escassez de Recursos e de Responsabilidade Orçamental (2018)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/ideias-106_af/

Nº 105 – O que explica o aumento do custo de vida em Moçambique? (2018)

Yasfir Ibraimo, Epifânia Langa, Carlos Muianga e Rosimina Ali

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/09/ideias-n105.pdf>

Nº 104 – Salário Mínimo e Custo de Vida em Moçambique (2018)

Carlos Muianga, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo e Epifânia Langa

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/09/ideias-104.pdf>

Nº 103P – Moçambique terá mais de 100 milhões de habitantes no 1º Centenário da sua Independência? (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/07/ideias-103-AF.pdf>

Nº 103E – Will Mozambique have more than 100 million inhabitants on the centenary of its independence? (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/08/ideias-103-AF-ingles.pdf>

Nº 102 – Informação sobre Mercados de Trabalho em Moçambique: Algumas lacunas metodológicas, implicações e desafios (2018)

Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/07/Ideias-102_RosiminaAli.pdf

~~Nº 101~~ (2018) Descentralização no Setor de Saúde em Moçambique: “Um processo sinuoso”

Lúcio Posse

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/05/Ideia-101-LPosse.pdf>

Nº 100 Para além do mercado comum: desenvolvimento industrial em contexto de integração económica regional em Moçambique (2018)

Epifânia Langa

<https://www.iese.ac.mz/ideias-100-elanga/>

~~Nº 99~~ (2018) Efeitos macroeconómicos da dívida pública externa e doméstica em Moçambique (2018)

Yasfir Ibraimo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/04/Ideia99YIbraimo.pdf>

~~Nº 98~~ (2018) Primeira volta da eleição intercalar de Nampula: de novo, a abstenção “ganhou” (2018)

Salvador Forquilha

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/ideias-98-SForquilha.pdf>

Nº 97 Haiyu Mozambique Mining Company: dinâmicas da intervenção chinesa nas areias pesadas de Angoche (2018)

Michael Sambo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/IESE-ideias-97-MSambo.pdf>

Nº 96 A “Operação Lava Jato” Vista de Moçambique (2017)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/ideias_96.pdf

Nº 95E Diversity of Economic Growth Strategies in the CPLP (2017)

António Francisco e Moisés Siúta
<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/IDeIAS-95e-1.pdf>

Nº 95P Diversidade de Estratégias de Crescimento Económico na CPLP(2017)

António Francisco e Moisés Siúta
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/boletim-ideias_95p.pdf

Nº 94 Porquê Moçambique precisa da Descentralização? Alguns subsídios para o debate(2017)

Salvador Forquilha
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/06/IESE_Ideias94.pdf

Nº 93E The Hidden Face of the Mozambican State Budget: Are the cash balances fictitious?(2017)

António Francisco e Ivan Semedo
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/03/IESE_Ideias93e.pdf

Nº 93P A Face Oculta do Orçamento do Estado Moçambicano: Saldos de Caixa são fictícios?(2017)

António Francisco e Ivan Semedo
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/03/IESE_Ideias93.pdf

Nº 92 Administração eleitoral em Moçambique: reformas necessárias (2016)

Egídio Chaimite
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/10/IESE_IDeIAS92.pdf

Nº 91 De Novo a Questão dos Saldos Rolantes na Conta Geral do Estado (2016)

António Francisco e Ivan Semedo
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/09/IESE_IDeIAS91.pdf

Nº 90 Geração de emprego e condições sociais de trabalho nas plantações agro-industriais em Moçambique (2016)

Rosimina Ali e Carlos Muianga
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias90.pdf

Nº 89 Crónica de uma crise anunciada: dívida pública no contexto da economia extractiva(2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo
http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias89.pdf

Nº 88 Cenários, Opções Dilemas de Política face à Ruptura da Bolha Económica (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo
https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias88.pdf

Nº 87 Rebatendo Mitos do Debate sobre a Dívida Pública em Moçambique (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias87.pdf

Nº 86 A dívida secreta moçambicana: impacto sobre a estrutura da dívida e consequências económicas (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias86.pdf

Nº 85 Introdução à problemática da dívida pública: contextualização e questões imediatas (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/05/IESE_Ideias85.pdf

Nº 84 Recenseamento eleitoral em Moçambique: um processo sinuoso (2016)

Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/04/IESE_Ideias84.pdf

Nº 83 Rever o sistema eleitoral (2016)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/04/IESE_Ideias83.pdf

Nº 82 Saldos Rolantes no Orçamento do Estado Moçambicano: Nyusi Encontrou Cofres Vazios? (2016)

António Franciso & Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias82.pdf

Nº 82 Rolling Balances in the Mozambican State Budget: Did Nyusi Find the Coffers Empty? (2016)

António Franciso & Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_IDeIAS82e.pdf

Nº 81 Moçambique: Um dos Piores Países para os Idosos. Porquê? (2015)

António Franciso & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias81.pdf

Nº 80 Vulnerabilidade dos estratos urbanos pobres: caso da pobreza alimentar em Maputo. (2015)

Oksana Mandlate

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias80.pdf

Nº 77P Estratégias de crescimento económico e desenvolvimento na CPLP. (2015)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias77p.pdf

Nº 77E Economic growth and development strategies in the CPLP. (2015)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias77e.pdf

Nº 76 Dilemas das ligações produtivas entre empresas numa economia afunilada. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Oksana Mandlate, e Epifânia Langa

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias76.pdf

Nº 75 Padrões de investimento privado e tendências especulativas na economia moçambicana. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias75.pdf

Nº 74 Acumulação Especulativa e Sistema Financeiro em Moçambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias74.pdf

Nº 73: Estado e a Capitalização do Capitalismo Doméstico em Moçambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias74.pdf

Nº 71 Dívida pública, acumulação de capital e a emergência de uma bolha económica. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Fernanda Massarongo e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias71.pdf

Nº 70: Autonomização local para quê? Questões económicas no debate sobre autonomia local. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias70.pdf

Nº 69: Por que é que a emissão de obrigações do Tesouro não é a melhor alternativa para financiar o reembolso do IVA às empresas? (2015)

Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias69.pdf

Nº 68E: Mozambican Aggregate Consumption: Evolution and Strategic Relevance (2015)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias68e.pdf

Nº 68P: Consumo Agregado Moçambicano: Evolução e Relevância Estratégica. (2015)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_68.pdf

Nº 67: O Gigaprojeto que Poderá Transformar a Economia Moçambicana? Pró e Contra o Projeto de GNL Moçambique. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_67.pdf

Nº 66P: Reformas de descentralização e serviços públicos agrários em Moçambique: Porquê os desafios persistem? (2014)

Salvador Forquilha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_66p.pdf

Nº 66E: Decentralisation reforms and agricultural public services in Mozambique: Why do the challenges persist? (2014)

Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_66e.pdf

Nº 65P: Por Que Moçambique Ainda Não Possui Pensão Universal Para Idosos? (2014)

António Francisco e Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_65p.pdf

Nº 65E: Why Mozambique Still Does Not Have a Universal Pension For The Elderly? (2014)

António Francisco e Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_65e.pdf

Nº 64P: Poupança interna: Moçambique e os outros. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_64p.pdf

Nº 64E: Domestic savings: Mozambique and the others. (2014)

António Francisco and Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_64e.pdf

Nº 63P: Poupança interna moçambicana: 2000-2010, uma década inédita. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/ideias_63p.pdf

Nº 63E: Mozambican domestic savings: 2000-2010, an unprecedented decade. (2014)

António Francisco and Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_63e.pdf

Nº 62: Medias e campanhas eleitorais. (2014)

Crescêncio Pereira

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_62.pdf

Nº 61: Indignai-vos! (2014)

Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_61.pdf

Nº 60: Ligações entre os grandes projetos de IDE e os fornecedores locais na agenda nacional de desenvolvimento. (2014)

Oksana Mandlate

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_60.pdf

Nº 59: A Política Macroeconómica e a Mobilização de Recursos para Financiamento do Investimento Privado em Moçambique. (2014)

Fernanda Massarongo e Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_59.pdf

Nº 58: As “revoltas do pão” de 2008 e 2010 na imprensa. (2013)

Crescêncio Pereira, Egídio Chaimite, Lucio Posse e Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_58.pdf

Nº 57: Cheias em Chókwè: um exemplo de vulnerabilidade. (2013)

Crescêncio Pereira, Michael Sambo e Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_57.pdf

Nº 56: Haverá Possibilidade de Ligação Entre Grupos de Poupança e Crédito Cumulativo Informais e Instituições Financeiras Formais? (2013)

Fernanda Massarongo, Nelsa Massingue, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_56.pdf

Nº 55: Ligações com mega projetos: oportunidades limitadas a determinados

grupos. (2013)

Epifania Langa

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_55.pdf

Nº 54P: Viver mais para viver pior? (2013)

Gustavo Sugahara, António Francisco, Peter Fisker

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_54e.pdf

Nº 54E: Is living longer living better? (2013)

Gustavo Sugahara, António Francisco, Peter Fisker

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_54p.pdf

Nº 53: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingermann (3). (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_53.pdf

Nº 52: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingermann (2). (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_52.pdf

Nº 51: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingermann. (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_51.pdf

Nº 50: Uma reflexão sobre o calendário e o recenseamento eleitoral para as eleições autárquicas de 2013. (2013)

Domingos M. Do Rosário

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_50.pdf

Nº 49: Os mitos por trás do PROSAVANA. (2013)

Natália N. Fingermann

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_49.pdf

Nº 48P: Sobre resultados eleitorais e dinâmica eleitoral em Sofala. (2013)

Marc de Tollenaere

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48p.pdf

Nº 48E: Analysing elections results and electoral dynamics in Sofala. (2013)

Marc de Tollenaere

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48e.pdf

Nº 47: Moçambique: Entre Estagnação e Crescimento. (2012)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_47.pdf

Nº 46P: Desafios da Duplicação da População Idosa em Moçambique. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46p.pdf

Nº 46E: The Doubling Elderly: Challenges of Mozambique's Ageing Population. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46e.pdf

Nº 45: Moçambique e a Explosão Demográfica": Somos Muitos? Somos Poucos? (2012)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_45.pdf

Nº 44: Taxas Directoras e Produção Doméstica. (2012)

Sófia Armacy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_44.pdf

Nº 43E: MEITI – Analysis of the Legal Obstacles, Transparency of the Fiscal Regime and Full Accession to EITI. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43E.pdf

Nº 43P: ITIEM—Análise dos Obstáculos legais, Transparência do Regime Fiscal e Completa Adesão à ITIE. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43p.pdf

Nº 42E: Analysis of the Reconciliation Exercise in the Second Report of EITI in Mozambique. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42e.pdf

Nº 42P: Análise do Exercício de Reconciliação do Segundo Relatório da ITIE em Moçambique. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42p.pdf

Nº 41) Estado e Informalidade: Como Evitar a “Tragédia dos Comuns” em Maputo?

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_41.pdf

Nº 40: “Moçambique no Índice de Desenvolvimento Humano”: Comentários. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_40.pdf

Nº 39) Investimento directo chinês em 2010 em Moçambique: impacto e tendências.

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_39.pdf

Nº 38: Comissão Nacional de Eleições: uma reforma necessária. (2011)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37.pdf

Nº 37P: Envelhecimento Populacional em Moçambique: Ameaça ou Oportunidade?

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37p.pdf

Nº 37E: Population Ageing in Mozambique: Threat or Opportunity. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36e.pdf

Nº 36: A Problemática da Protecção Social e da Epidemia do HIV-SIDA no Livro Desafios para Moçambique 2011. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36.pdf

Nº 35P: Será que Crescimento Económico é Sempre Redutor da Pobreza? Reflexões sobre a experiência de Moçambique. (2011)

Marc Wuyts

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35P.pdf

Nº 35E: Does Economic Growth always Reduce Poverty? Reflections on the Mozambican Experience. (2011)

Marc Wuyts

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35E.pdf

Nº 34: Pauperização Rural em Moçambique na 1ª Década do Século XXI. (2011)

António Francisco e Simão Muhorro

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_34.pdf

Nº 33: Em que Fase da Transição Demográfica está Moçambique? (2011)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_33.pdf

Nº 32: Proteção Social Financeira e Proteção Social Demográfica: Ter muitos filhos, principal forma de proteção social em Moçambique? (2010)

António Francisco, Rosimina Ali e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_32.pdf

Nº 31: Pobreza em Moçambique põe governo e seus parceiros entre a espada e a parede. (2010)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_31.pdf

Nº 30: A dívida pública interna mobiliária em Moçambique: alternativa ao financiamento do défice orçamental? (2010)

Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_30.pdf

Nº 29: Reflexões sobre a relação entre infra-estruturas e desenvolvimento. (2010)

Carlos Uilson Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_29.pdf

Nº 28: Crescimento demográfico em Moçambique: passado, presente...que futuro? (2010)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_28.pdf

Nº 27: Sociedade civil e monitoria do orçamento público. (2009)

Paolo de Renzio

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_27.pdf

Nº 26: A Relatividade da Pobreza Absoluta e Segurança Social em Moçambique. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_26.pdf

Nº 25: Quão Fiável é a Análise de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique? Uma Análise Crítica dos Indicadores de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique. (2009)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_25.pdf

Nº 24: Sociedade Civil em Moçambique e no Mundo. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_24.pdf

Nº 23: Acumulação de Reservas Cambiais e Possíveis Custos derivados - Cenário em Moçambique. (2009)

Sofia Amarcy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_23.pdf

Nº 22: Uma Análise Preliminar das Eleições de 2009. (2009)

Luis de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_22.pdf

Nº 21: Pequenos Provedores de Serviços e Remoção de Resíduos Sólidos em Maputo. (2009)

Jeremy Grest

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_21.pdf

Nº 20: Sobre a Transparência Eleitoral. (2009)

Luis de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_20.pdf

Nº 19: “O inimigo é o modelo”! Breve leitura do discurso político da Renamo. (2009)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_19.pdf

Nº 18: Reflexões sobre Parcerias Público-Privadas no Financiamento de Governos Locais. (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_18.pdf

Nº 17: Estratégias individuais de sobrevivência de mendigos na cidade de Maputo: Engenhosidade ou perpetuação da pobreza? (2009)

Emílio Dava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_17.pdf

Nº 16: A Primeira Reforma Fiscal Autárquica em Moçambique. (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_16.pdf

Nº 15: Proteção Social no Contexto da Bazarconomia de Moçambique. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_15.pdf

Nº 14: A Terra, o Desenvolvimento Comunitário e os Projetos de Exploração Mineira. (2009)

Virgílio Cambaza

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_14.pdf

Nº 13: Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda. (2009)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_13.pdf

Nº 12: Armando Guebuza e a pobreza em Moçambique. (2009)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_12.pdf

Nº 11: Recursos Naturais, Meio Ambiente e Crescimento Sustentável. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_11.pdf

~~(2009)~~ Nº 10: Indústrias de Recursos Naturais e Desenvolvimento: Alguns Comentários.

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_10.pdf

Nº 9: Informação Estatística na Investigação: Contribuição da investigação e organizações de investigação para a produção estatística. (2009)

Rosimina Ali, Rogério Ossemame e Nelsa Massingue

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_9.pdf

Nº 8: Sobre os Votos Nulos. (2009)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_8.pdf

Nº 7: Informação Estatística na Investigação: Qualidade e Metodologia. (2008)

Nelsa Massingue, Rosimina Ali e Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_7.pdf

Nº 6: Sem Surpresas: Abstenção Continua Maior Força Política na Reserva em Moçambique...Até Quando? (2008)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_6.pdf

Nº 5: Beira - O fim da Renamo? (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_5.pdf

Nº 4: Informação Estatística Oficial em Moçambique: O Acesso à Informação. (2008)

Rogério Ossemane, Nelsa Massingue e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_4.pdf

Nº 3: Orçamento Participativo: um instrumento da democracia participativa. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_3.pdf

Nº 2: Uma Nota sobre o Recenseamento Eleitoral. (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_2.pdf

Nº 1: Conceptualização e Mapeamento da Pobreza. (2008)

António Francisco e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_1.pdf

Relatórios de Investigação

Crónicas de uma eleição falhada. (2016)

Luís de Brito (ed.)

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR1.pdf

Murrupula: um distrito abstencionista (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR2.pdf

Afinal nem todos votam em Manjacaze (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR3.pdf

Beira – Clivagens Partidárias e Abstenção Eleitoral (2017)

Salvador Forquilha

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/02/IESE-Relatorio-4-WEB.pdf>

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Nhamatanda – Relatório de Dados Qualitativos (2021)

Lúcio Posse

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/06/BGM21Nhamatanda.pdf>

Barómetro da Governação Municipal em Moçambique 2019/2020 – Relatório de Dados Quantitativos (2021)

Salvador Forquilha, Luis de Brito, Wim Neeleman, Lúcio Posse, Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/RELATORIO-BGM-2019-2020.pdf>

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Gondola – Relatório de Dados Qualitativos (2021)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/BGM-Q-21-Gondola.pdf>

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Quissico – Relatório de Dados Qualitativos (2021)

Lúcio Posse

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/02/BGM-Q-20-Quissico.pdf>

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Vilankulo – Relatório de Dados Qualitativos (2021)

Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/11/BGM_Q_Vilankulo.pdf

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Maxixe – Relatório de Dados Qualitativos (2020)

Bernardino António

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/BGM_Q_Maxixe.pdf

Barómetro da Governação Municipal 2020 – Massinga – Relatório de Dados Qualitativos (2020)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/BGM-Q-20.pdf>

Barómetro da Governação Municipal em Moçambique 2018 – Relatório de Dados Quantitativos (2019)

Salvador Forquilha, Luis de Brito, Wim Neeleman, Egídio Chaimite, Lúcio Posse, Bernardino António

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/04/bgm_2018.pdf

Crónicas de uma eleição falhada. (2016)

Luís de Brito (ed.)

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR1.pdf

Murrupula: um distrito abstencionista (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR2.pdf

Afinal nem todos votam em Manjacaze (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR3.pdf

Beira – Clivagens Partidárias e Abstenção Eleitoral (2017)

Salvador Forquilha

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/02/IESE-Relatorio-4-WEB.pdf>

2014 – Um inquérito sobre a abstenção (2016)

Luís de Brito

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/02/IESE-Relatorio-5-WEB.pdf>

Moçambique: Avaliação independente do desempenho dos PAP em 2009 e tendências de desempenho no período 2004-2009. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame e Sofia Amarcy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/2010/PAP_2009_v1.pdf

Current situation of Mozambican private setor development programs and implications for Japan's economic cooperation – case study of Nampula province. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue and Rogério Ossemame

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Relatorio_Japao_final.pdf

Mozambique Independent Review of PAF's Performance in 2008 and Trends in PAP's Performance over the Period 2004-2008. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame, Nelsa Massingue and Rosimina Ali.

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_eng.pdf (também disponível em língua Portuguesa no link http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_port.pdf).

Mozambique Programme Aid Partners Performance Review 2007. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco, Carlos Vicente and Nelsa Massingue

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/PAPs_PAF_2007.pdf

IESE é uma organização moçambicana independente e sem fins lucrativos, que realiza e promove investigação científica interdisciplinar sobre problemáticas do desenvolvimento social e económico em Moçambique e na África Austral.

Tematicamente, a actividade científica do IESE contribui para a análise da política pública e social e da governação, com enfoque nas problemáticas de pobreza, política e planeamento público, cidadania, participação política, governação e contexto internacional do desenvolvimento em Moçambique.

